

P 702



RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMARIO

Renovação, Edgar Fernandes
Vicente do Rego Monteiro.
Santos de Portugal, Pe.
Cabral. — O drama
sampaileiros, Dalmo Bel-
Matos. — Um prínci-
pe m...ta, Vicente Fittipal-
di. — Os centenários portu-
gueses, Nilo Pereira. — Dé-
siré Lucas, Fortunio. — O
Síndico e suas finalidades,
Ruy Lyra. — Filosofia do
mundo inorgânico, Crésio Tei-
xeira. — Arquitetura portu-
guesa, Vicente do Rego Mon-
teiro. — Livros, "Meditações
sulamericanas", Augusto Du-
que. — Sob a estrela de S. Jo-
sé, Debora do R. Monteiro. —
Igreja dormente, Paulo Cor-
reia. — A linguagem dos o-
lhos, Guerra de Holanda. —
... Mas os loucos gritam nos
pátios, Novela, Gonçalves Fer-
nandes. — Enciclopedia — precursor
da nova — o... n Brasil, E-
verardo... elos. — Poe-
mas de... e Menelik
Luna...s, etc.

Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º
RECIFE



CORONAÇÃO DA VIRGEM — Pintura de Nicolo de Buonacorso, da Coleção P. L. de New-York (Vide nossa Capa, página 4)

ESCOLA PORTUGUESA XV^o SÉCULO



Painel dos Frades — Nuno Gonçalves Painel do Infante (Do Polyptico "Veneração" a S. Vicente) — Painel da Reliquia



Painel dos Pescadores — Nuno Gonçalves Painel do Arcebispo (Do Polyptico "Veneração" a S. Vicente) — Painel dos Cavaleiros

NUNO GONÇALVES

É o maior, sinão um dos maiores pintores portugueses. Sua técnica segura, seu desenho claro, sem preciosidade, fez desse mestre do passado um fidalgo da pintura universal.

Em 1450, foi nomeado pintor oficial del-rei D. Afonso V, com uma tença de doze mil reais brancos, ordenado que a 6 de Abril de 1452, foi aumentado de três mil quatrocentos e trinta e dois reais brancos, mandando lhe dar também o rei, uma peça de pano Bristol por ano para sua vestimenta.

Naquela data os reis e os grandes senhores se compraziam no mecenato. Época culta e paciente; cujo desejo equilibrado pelos meios naturais da velocidade, concedia aos artistas, aos intelectuais, auxílios materiais e a calma de espírito para as obras perfeitas.

Como acontece com os grandes mestres daquele período, pouco ou quasi nada se conhece sobre a vida de Nuno Gonçalves, e uma boa parte de suas obras foi destruída por ocasião do terremoto de Lisboa, de 1755.

A sobriedade de suas cores, composição e a construção segura de seu desenho, traduzem a fidalguia de uma época. As fisionomias de seus personagens, pescadores ou cavalheiros, trazem impressa a expressão forte de uma raça de lutadores, de vencedores de distâncias, cuja tez queimou e bruniu ao contacto forte do sol e do sal das grandes longitudes marítimas.

A arte de Nuno Gonçalves se prende à Escola de Flandres, pela tendência naturalista, sem nada perder do seu portuguesismo, evidenciável na expressão máscula de seus personagens, na eliminação do acessório superfluo e da paisagem cenográfica das lapinhas medievais.

As poucas obras de Nuno Gonçalves que chegaram até nós, fossem unicamente esses trípticos da Veneração a S. Vicente, bastariam para consagrar um artista, uma época e uma nação.

V. M.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS


Gil Vicente. — Revista Literária de Cultura Nacionalista. Números de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril, dedicados às comemorações centenárias da Independência e da Restauração de Portugal — Guimarães.

Som. — Órgão da Sociedade de Cultura Musical — Rio Grande do Norte.

Revista das Academias de Letras. Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil. Números de Maio e de Junho. — Rio de Janeiro.

Rosas de Maio. — Poemas de Oscar Cordeiro. Recife.

7702



AS FESTAS CENTENARIAS DE PORTUGAL EM PERNAMBUCO

AS Festas Centenárias de Portugal, tiveram a maior repercussão em Pernambuco. Com a presença de autoridades e representantes da colônia lusa, vêm sendo realizadas sessões cívicas, literárias e artísticas.

A Comissão Executiva das Festas Centenárias nos proporcionará, no correr do mês de Julho, mais uma conferência, a cargo do dr. Nilo Pereira, ex-Diretor do Departamento Estadual de Educação e grande amigo de Portugal.

Damos a seguir a lista dos componentes da referida Comissão que bem expressa o exito dessas significativas manifestações de amizade luso-brasileira.

COMISSÃO EXECUTIVA DAS FESTAS CENTENARIAS EM PERNAMBUCO

Presidente: Consul Eduardo de Carvalho.

Vice-Presidente: Pe. João Miranda.

Secretário: Artur Gomes Teixeira.

Tesoureiro: Marcelino Ferreira Passos.

Vogais: Antonio Gaspar Lages — Salvador Moscoso — Jaime Ferreira dos Santos — dr. Antonio Pereira de Sousa.

Propaganda: Ernesto Leça.



EXPOSIÇÃO DE PINTURA, ESCULTURA E CERAMICA DE EUCLIDES FONSECA

Inaugurada a 18 do corrente no "Hall" do Cine Parque, está sendo muito visitada pelos fans de Clarc Gable, Myrna Loy e etc., a Exposição de pintura, escultura e cerâmica de Euclides Fonseca.

Infelizmente, a arte entre nós, não tem ainda um público afeiçoado.

Euclides Fonseca é um artista pernambucano, de real valor plástico. Suas paisagens das imensidões montanhosas ou a sua flora exótica tem sabor nacional de "bon aloi". Suas cerâmicas de aproveitamento de motivos indígenas marajó, me parecem as melhores e as mais honestas que tenho visto realizadas neste sentido.

Voltaremos, em próximo estudo, a este artista pernambucano, que a preguiça de pensar da elite recifense, ainda não se dignou apreciar no seu justo valor.

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO - Orgão
de Ação Educacional Proletária.

**DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES
E VICENTE DO REGO MONTEIRO**

REDAÇÃO: *Rua do Bom-Jesús, 207 - 2.º*

Recife Pernambuco

NUMERO AVULSO 1\$000

NUMERO ATRAZADO 2\$000

ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:

NA CAPITAL 30\$000

NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

**Os originais literários enviados a RENOVAÇÃO
não serão devolvidos, ainda que não publicados.**

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

Dr. ADEMAR VIDAL. - R. das Trincheiras, 554,
João Pessoa - Paraíba.

DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.

Dr. Dalmo Belfort de Mattos - Rua Desembar-
gador Valle, 453 - São Paulo.

Dr. Créso Teixeira - Avenida Deodoro, 418
Natal - Rio Grande do Norte.

ARMAZEM DE AÇUCAR
REFINARIA A VAPOR CRUZEIRO
DE

Eduardo Amorim & Cia.

RUA DR. JOSÉ MARIANO, 398, 422 e 436

Fone, 2762 — Caixa Postal, 172

RECIFE — End. Tel.: Refinadora — PERNAMBUCO

Vende-se açúcar refinado especial, marca "Estrela" 1.ª e 2.ª
e em rama, de todas as qualidades

NOSSA CAPA

A história, poucos detalhes nos dá sobre a vida de Nicolo de Buonaccorso, pintor da famosa Escola de Siena.

Sabe-se, por documentos dos Arquivos de Siena, que, em 1372 e 1376 ele desempenhou o cargo de Conselheiro Municipal naquela cidade, e o de "Gonfaloniere" do "Terzo de San Martino" em 1381.

Em 1376 e em 1383, executou umas pinturas na Catedral de Siena. Em 1388 faleceu, e foi sepultado do claustro de San Domenico.

Sua técnica é preciosa, seus tons variados, luminosos, obedecem a uma policromia vastíssima. A suavidade dos seus tons azues virginais, aliam-se aos brilhantes brocados e aos tons quentes do ouro antigo.

A sua expressão pictórica assemelha-se à beática maneira do mestre Fra Angélico.

Dentre suas obras primas citamos: U'a Nossa Senhora e Santa Margarida, datado de 1387, que se acha na Igreja de "Santa Margherita", perto de "Costa al Pino". Uma Apresentação ao Templo, nos "Uffizi" de Florença. Uma Anunciação, da Coleção Baldini de "Fiesole". U'a Crucificação, no Museu de Ravenna. Entronização de Nossa Senhora, no Museu de Boston. O Casamento da Virgem, atualmente na "National Gallery" de Londres. Dois pequenos painéis representando Nossa Senhora com o Menino Jesús, na Galeria de Siena. E esse Coroamento da Virgem, da Coleção Philip Lehman, de New-York, cuja estampa figura em nossa capa.

E. & V.

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO



RENOVAÇÃO

A história de Portugal busca a sua origem acêrca do ano 195 antes de J. C., época em que os Lusitanos entraram em luta contra os Romanos, pela sua independência. Apesar da grande coragem dos lusos e do seu chefe Viriato, ficaram sujeitos aos Romanos até o ano 409. Os Suevos, os Visigodos e os Arabes ocuparam sucessivamente o país.

Em 1140, Afonso Henriques, conde de Porto Calle (donde se origina o nome Portugal), vencedor em Ourique, proclamou-se rei. As conquistas de seus sucessores na Europa, Asia e America, de 1385 a 1580, fizeram de Portugal uma potência.

A infeliz expedição de Dom Sebastião em África, que teve como desfecho a destruição do exercito português e a morte do monarca, poz termo, entretanto, a essa prosperidade. No ano de 1580, Filipe II, rei de Espanha, apoderou-se desse reino, intitulado-se herdeiro da corôa, tornando-o destarte uma província espanhola.

Em 1640, Portugal conseguiu libertar-se, e, hoje comemora o seu 3.º aniversário da Restauração da Independência e 8.º da Fundação da Nacionalidade.

Portugal é o exemplo varão da pujança de uma raça que não quer perecer. A sua história nos oferece paginas emocionantes de cavalheirismo e bravura, ás quais não somos estranhos. Sentimo-nos, porisso, ufanos da grandeza cívica dessas festas comemorativas dos Centenários Portugueses, que falam bem de perto à própria alma nacional brasileira.

Do Brasil colonia, partiram os primeiros incentivos à luta pela restauração da independência portuguesa. Hoje, mais de que ontem, as duas nações, unidas pela mesma fé, confraternizam-se e proseguem a mesma luta a prol dos ideais dos dois grandes povos irmãos.

SANTOS DE PORTUGAL

Pe. Batista Cabral

Para "RENOVAÇÃO"
e "Folha da Manhã"

Não há melhor maneira de se festejarem os centenários de Portugal do que arrumando períodos em torno do mais santo dos portugueses e da rainha mais santa que ainda ocupou um trono na terra.

É nisto que vai ser mais expressivo, mas original, mais português o nosso aparte nas pomposas assembléas que se celebram no Brasil e em Portugal.

Os santos viveram sempre a vida das maiores tempestades por dentro e por fóra como sóis somente dardejavam socêgo, serenidade e uma paz quasi infinita com que desconcertaram a maluquice dos homens.

Santo Antônio sem deixar de ser o maior santo de Portugal deu motivos a rivalidades entre duas cidades católicas: Lisboa e Pádua. Pádua, onde morreu, lhe guarda os despojos. Lisboa, onde nasceu, se enche da glória de lhe ter sido berço. Santo Antônio de Pádua. Santo Antônio de Lisboa. Pádua lhe honra a memória com levantar-lhe soberbo mausoléu de quatro fachadas em que se insculpiram os quatro elementos desobedientes em geral aos homens e submissos ao império da voz de Santo Antônio. A terra, quando os animais se prostravam à sua passagem. O mar encardumando-se de peixes que corriam a lhe ouvir a palavra. O ar que se desfazia de tempestades aos acenos do grande taumaturgo. Com o simples sinal da cruz cortava as línguas de fogo e os incendios se paravam de repente.

Em Lisboa estava a casa, onde nasceu Santo Antônio e que a munificência dos reis convertera e consagrara em

suntuoso templo. Ali um fundo de ex-votos se penduram como testemunhas de sua beneficência. As bandeiras dos que venceram. As âncoras dos que escaparam aos naufrágios. As mortalhas dos que ressuscitaram. Ainda mais. Sarou a tantos surdos. Restituiu a vista a tantos mudos. Tudo isto em Lisboa. E tudo isto disse Lisboa a Pádua para que esta veja que se tem a glória de chamar ao grande português Santo Antônio de Pádua porque lhe deu a sepultura. — Lisboa tem muito maior glória na vida desse franciscano, porque lhe deu o nascimento.

O Padre Vieira é quem doutrina o dificultoso dessas rivalidades, desmancha a desavença, explica bem o mistério comparando Santo Antônio ao sol. Este nasce no oriente e se põe no ocidente. É obrigação do sol nascer numa parte e sepultar-se noutra. Santo Antônio nasceu em Lisboa e morreu em Pádua.



Não foi privilégio de Santo Antônio ser ouvido, escutado e obedecido pelos peixes.

Certa vez chegara Santa Isabel a Santarem. Atravessa o Tejo naquela parte em que as águas do rio se confundiam com as águas do mar. Os peixes como às janelas em cardumes, escreveu um grande classico, e ctônitos se pasmaram da maravilha. As águas do rio lhe abriram a Santa Isabel uma como avenida levantada entre duas muralhas de cristal. A rainha caminhava sobre seu bordão e pisava areias de ouro. Maior prodígio este do que a-

quele que acontecera à Arca do Testamento, respeitada das águas do Jordão e das águas do Mar Morto. Não sei bem se as homenagens do Mar Morto à Arca Santa não são bem menores do que as reverências do Oceano a Santa Isabel. O Mar Morto nunca teve como o oceano braços infinitos, mãos imensas para receber nas pontas dos dedos o tributo de todos os rios do mundo. O Oceano e o Tejo fizeram praça a Santa Isabel.

Não lhe renderam a esta homenagem porque era rainha. Renderam a ela vassalagem porque era santa. Tantas outras rainhas só atravessavam o Tejo embarcadas em galés reais.

E as rosas de Santa Isabel constituíram o quadro da mais vibrante poesia que ainda se

pôde encontrar na vida de um Santo.

Levava Santa Isabel nas abas o vestido grande cópia de moedas de ouro e prata. Ia repartir aos pobres aqueles dobrões. Queria tornar abscondita a caridade. Só assim é que a valorizava bem aos olhos de Deus. Seguiu Santa Isabel acantoadada no fundo de uma humildade divina, quando El-Rei lhe pergunta o que levava?

Responde que aquilo que lhe enchia as abas do vestido eram rosas. Rosas no inverno? Santa Isabel mostrou que eram mesmo rosas. Jamais houve no mundo milagre mais belo e mais poético. Nem nunca a vida de uma rainha desdobrou de maior poesia. Privilégio único de Santa Isabel, rainha de Portugal.



AS FESTAS CENTENARIAS DE PORTUGAL E A PRE- FEITURA DO RECIFE

Para a Exposição dos Centenários em Portugal, D. E. P. T. enviou, por intermédio do engenheiro Nestor de Figueirêdo, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, uma interessante coleção de 14 ampliações fotográficas de 40x50, em côr "sépia", representando aspectos antigos e modernos do Recife.

Fachadas das nossas igrejas, vistas da cidade e do Capibaribe apanhadas por Alexandre Berzin e Benício W. Dias e comparadas a antigos desenhos e fotografias tiradas do mesmo ângulo em épocas anteriores.

As ampliações irão documentar, em Portugal, não só os nossos aspectos, como o adiantamento da arte fotográfica em Pernambuco.

Contemplando-se aquelas fotografias, tem-se uma idéia bem nítida da transformação que vem sofrendo a nossa Capital, nêstes últimos tempos, sem perder contudo na sua feição de cidade antiga e cheia de tradições.

Foi mais uma oportunidade que teve a D. E. P. T. para tornar conhecida a nossa cidade, por meio de uma propaganda inteligentemente organizada.

Tem sido uma das constantes preocupações da D. E. P. T., desde a sua fundação: difundir pelo Brasil e pelo estrangeiro o conhecimento das nossas grandezas e dos nossos valores, para que o Brasil vá se tornando, cada vez mais, um centro de atração e de interesse para quantos desejem conhecer o Brasil.



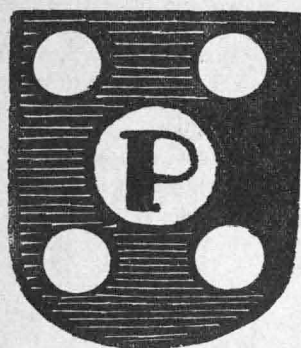
VIENT DE PARAITRE:

Acaba de sair do prelo A imitação da vida, de Altamiro Cunha. São 40 crônicas poéticas da vida onde a tragi-comédia da existência tem "spleen" do além, "movimento perpétuo" procurando "sinfonia inacabada".

M.

ARQUITETURA PORTUGUESA

Por Vicente do Rego Monteiro



ORTUGAL tem a sua arquitetura própria, porém o seu estilo varia segundo as condições do clima e materiais.

Este feitio de adaptação às condições materiais fez do português um colonizador por excelência.

Si as construções do norte de Portugal são sóbrias e severas como a rigidez

de suas pedras de construção, dos solares do vale do Minho, as das províncias do centro, de clima menos rude, são mais coquetes e confortáveis.

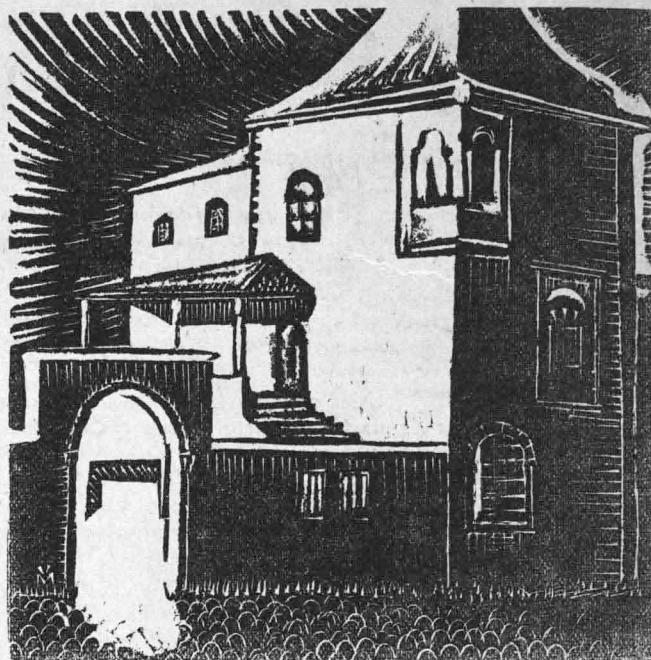
No Algarve de longa dominação árabe, a arquitetura portuguesa deixa-se influenciar pelo estilo "mudejar" admiravelmente adaptável às terras do sul de Portugal, pelo seu clima quente, daí as construções cúbicas d'Olhão, com os seus terraços dispostos em degraus.

De suas constantes viagens, os portugueses introduziram no seu país, detalhes de construção e motivos ornamentais que enriqueceram grandemente uma arte de construir já tão dotada de tradições românica, gótica, mudéjar, manuelina, barroca e renascentista.

Portugal também sofreu da decadência que empobreceu a arquitetura civil a partir dos fins do XIX^o. século, e conheceu em menor escala do estilo bôlo de noiva que tanto afligiu nestes últimos anos a nossa arquitetura, deformando a fisionomia serena de nossas cidades, outrora tão cheia de estilo e de raça. Todavia, êsse estilo bastardo teve seu florescimento também na França e Itália, e, fazemo-lo consoante ao desequilíbrio social, à queda dos valores.

No passado, o perfeito equilíbrio gerava-se da associação harmoniosa, social-patronal e artesan. Mesmo após a extinção das corporações de ofícios a mestria impunha-se.

Nas cidades mortas do Brasil, encontramos intacto êsse equilíbrio perfeito da arquitetura função: Ouro-Preto, S. João d'el Rei, etc.



Casa do XVI^o século — BRAGA

Em São Salvador da Baía, a nossa Lisboa, o estilo colonial português tem o traço senhoril dos colonizadores. Os exteriores menos ricos escondem os interiores sobrecarregados pelo "apport" decorativo dos entalhadores negros.

Em Pernambuco o estilo colonial teve que sofrer a sua adaptação. As igrejas com os seus frontões e tocheiros de pedra vindos de Lisboa, contrastam com a singeleza dos muros, todavia, os interiores mais sóbrios dizem bem do bom gosto dos primeiros colonizadores que para aqui vieram, há algo de "distingué que raramente encontramos alhures.

Portugal colonizador tinha o seu estilo-função. Si nos seus solares e castelos o frio obrigava à construção de chaminés elevadas e decorativas, no sul e nas colônias a arquitetura adaptava-se ao clima de sol.

As nossas cidades outrora refletiam a nossa unidade racial, religiosa e política. O mesmo hoje não se dá, em nossos grandes centros urbanos, vemos solares alsacianos, nórdicos, alinhados à bangalôs tropicais, superados por arranha-céus em cimento armado — símbolo de nossas inquietações geo-demográficas, de nossa perda de equilíbrio no desequilíbrio universal.

Si Portugal adaptou o seu estilo às condições climáticas, o português não foi saudosista nem utópico: objetivou e construiu solidamente dentro das possibilidades locais e nos jardins alinhou palmeiras que ainda hoje os seus netos contemplam.

Portugal construiu e projetou no futuro, com a paciência das coisas que aspiram ser eternas.

IGREJA DORMENTE

Por PAULO
CORREIA
da C. B. I.

Consta que Jesus Cristo fundou uma igreja, cuja província terrestre se chama "igreja militante".

Consta também que Satanás fundou uma contra-igreja, a "igreja dormente". Esta igreja de Satanás foi fundada no Getsemane, na véspera da morte do Salvador, quando o demônio mandou os três apóstolos dormir em vez de vigiar e sofrer com o divino Mestre. E, cheio de tristeza mortal, lhes dizia Jesus: "Dormi e descansai — eis que aí vem o meu traidor".

Hoje em dia, são milhões os adeptos da igreja dormente. A pantanosa inércia de muitos católicos reverte em detrimento gravíssimo da igreja militante. Conheço numerosos membros de associações religiosas, munidos de vistosos distintivos; conheço até socios da Ação Católica sem ação; conheço pretensos discípulos de Cristo cujo cristianismo consiste todinho em botar fita, assinar atas e carregar estandartes. O período que decorre entre uma e outra reunião mensal ou semanal é de absoluta inércia; o principal é a tal reunião e subsequente ata muito bem elaborada e pontilhada de elogios.

Católicos de fita — e não de fato.

Católicos de convenção — e não de convicção.

Católicos de fachada e não de fundo.

Católicos de credo — e não de decálogo.

Soldados da igreja dormente — e não da militante.

Esses sócios honorários do catolicismo pôde nada fazer de mal. Não roubam, não matam, não adulteram. E, no entanto, são colegas daquele servo do Evangelho que teve de ouvir a terrível sentença: "Servo mau e pretencioso!... atai-o

de pés e mãos e lançai-o às trevas de fóra, onde haverá choro e ranger de dentes...".

Porque esse castigo? porque essa condenação? se esse homem não tinha feito nada de mal? se não tinha esbanjado o capital recebido? se o devolvêra todo inteirinho a seu senhor?

Pois era precisamente êste o seu crime, o seu grande pecado: de não ter feito nada, quando tinha obrigação de fazer alguma coisa.

Milhares de católicos se acham hoje em dia nas mesmas condições do servo indolente de que nos fala Jesus. Não movem um dedo pelo progresso da religião. Vivem na mais escandalosa indolência. Catequese? imprensa? operariado? Ação Católica? E' para os outros. Para eles não. Basta o tercinho minúsculo de contas de madre-pérola. Basta o misalzinho chique com fecho de ouro. Basta uma promessa vaga a Santa Terezinha. Bastam as praias, os casinos, as avenidas. Basta, quando muito, a linda medalha, o vistoso estandarte.

E aí de quem faça o que eles não fazem! Esses soldados da igreja dormente não toleram que alguém sobressaia, que ultrapasse o nível da triste mediocridade em que eles vivem e vegetam. Ambiciosos! exibicionistas! bajuladores! — é o que têm de ouvir os que realizam algo de notável no campo da Ação Católica.

Quando resolverão esses guardas dormentes assentar praça nas fileiras da igreja militante?

Quando?...

A LINGUAGEM DOS OLHOS

Guerra de Holanda.

(Para RENOVAÇÃO)

Si Deus escondeu o coração do homem em seu peito para que não estivesse em feira de amostra a sua bondade, deixou-nos, porém, os olhos, bem à vista, para que nos acautelassemos contra a sua maldade, que tantas e tantas vezes não fica exposta a flôr de seus lábios.

Quem compreende a linguagem dos olhos, que tudo nos contam, não tem as razões para julgar "al libitum" os nossos semelhantes. Os olhos falam mais do que os lábios, do que o próprio coração, se estivesse em vitrina.

Olhos fugindo à luz medrosos, olhos dos recém-nascidos. Olhos inocentes, bons, puros, cândidos, sem maldade e sem ambição, olhos meigos e edificantes das criancinhas. Olhos tristes, pensativos, olhos de fim de tarde dos melancólicos. Olhos irascíveis e ternos, voluntariosos e suplicantes, autoritários e submissos, olhos irresolutos dos histéricos. Olhos indiferentes as dores e aos sofrimentos alheios, olhos perversos dos homens máus. Olhos sensuais das mulheres mun-

danas. Olhos futeis sem ideia, desempregados, das mocinhas janeliras. Olhos torturados, secos, rústicos, como comovedores dos flagelados infelizes. Olhos resignados, camaradas, que a gente quer bem, olhos humildes dos velhinhos que pedem esmolas, alegrando-nos com a melodia mendiga de suas violas ordinárias. Olhos que não desejam mal a ninguém. Olhos mortiços dos ébrios. Olhos caçados dos infelizes. Olhos vivos, alegres, castos, sem tonalidades libertinas, olhos das virgens. Olhos abertos, espantados, sem inveja, mas cheios de desejo dos garotos pobres olhando os presentes de natal dos meninos ricos. Olhos ambiciosos, epicuristas gastrônomos, dos burgueses sensuais. Olhos místicos, longe do mundo, das religiosas enclaustradas. Olhos vadios sem trabalho, olhos de reporter dos malandros que vivem nas ruas, em procura de novidades. Olhos mãtres das mães que vêm o sofrimento de seus filhinhos. Olhos atrevidos, dos libidinosos. Olhos discretos, tímidos, receiosos, das moças que se iniciam nos primeiros namoricos. Olhos maldosos, boateiros, dos que descobrem a menor malícia no intensão mais pura. Olhos tartufos, olhos hipócritas, escondidos nas palpebras, voltados para o chão, olhos dos covardes. Olhos altivos, eloquentes, firmes, olhos dos audaciosos. Olhos inofensivos despercebidos, prestáveis, dos humildes. Olhos doloridos, saudosos, olhos vítreos, imóveis, materiais, olhos de todos os cadáveres.

Ah! como é complexa a linguagem dos olhos humanos!...

Mas assim mesmo, tão mais clara e simples do que a outra, medida, elegante, meditada, a linguagem artificial que os lábios nos dizem.

SOB A ESTRELA DE SÃO JOSE'

Por Debora do R. Monteiro

E' preciso que o proletário cristão venere S. José. Neste grande Santo que foi o Chefe gloriosíssimo da Sagrada Família eis o Patrono da Igreja universal, das famílias e dos trabalhadores.

É preciso que a sua devoção para com S. José corresponda àquela justamente que a Igreja quer vêr se expressar entre os seus membros.

Depois da SS. Virgem êle há-de ser honrado como acima dos outros Santos. Por seu "valor" merece todo o amor e as mais altas homenagens que no culto de "dulia" (quer dizer aos servos de Deus) se hão-de prestar.

Por isso procurando apreciar-lhe o valor, jaremos necessariamente alguma coisa a bem do seu culto e da prática da verdadeira devoção para com o bemaventuradíssimo Patriarca.

Prevenido com "benções de doçura," e escolhido pela providência inefável do Todo-Misericordioso para sublimes officios tais os de espôso virginal de Maria e pai nutridor do Verbo Incarnado, nêle superabundou a graça a tal ponto que apresentou em sua pessoa e em sua vida, de aparência tão simples, uma imagem das grandezas divinas, — mostrava-nos o Pai, a quem representava.

O Santo Evangelho o chama de "varão justo". Justo pela posse perfeita de todas as virtudes, interpreta S. Jerônimo.

Na festa do Patrocínio de S. José, a Igreja nos dá a lêr a magnífica profecia pela qual, antes de expirar, Jacó fez conhecer ao Patriarca José, abençoando-o, os gloriosos destinos que lhe estavam reservados assim como aos seus descendentes. Ora o primeiro José era o tipo do segundo.

Lectio (Gen. 49,22-26).

"Meu filho José se elevará na gloria e sua potência irá sempre crescendo; é formoso de aspecto e cheio de atrativos. Seus ramos se estendem ao longo da muralha. Mas os que tinham dardos. (os irmãos de José do Egito) exasperaram-no, provocaram-no e com inveja perseguiram-no. Seu arco porém apoiou-se no Fortíssimo (Deus). As cadeias de seus braços e de suas mãos foram quebradas pelas mãos do Deus poderoso de Jacó. Dali saíu para ser o pastor e a rocha de Israel. O Deus de teu pai será o teu auxilio; e o Onipotente te

abençoará com as benção do alto do céu, com as bênçãos do abismo que está em baixo, com as bênçãos de fecundidade e de posteridade. As bênçãos de teu pai excedem as que êle recebeu de seus pais, até que venha o Desejado das colinas (o Messias). Que estas bênçãos se derramem sobre a cabeça de José e sobre a cabeça do Nazareno (Cristo) entre seus irmãos".

Que, depois de Maria, "se levantou mais cheio de glória"? Deus o tornou espôso de Maria Imaculada, espôso virginal mas verdadeiro, quer dizer espôso daquela que, bendita entre as mulheres, o Senhor erguêra à dignidade mais alta, à dignidade de Mãe sua, e havia de ser portanto a sereníssima Rainha dos Anjos e dos homens.

Com essa incomparável Senhora devia ter convivência diária, servir-lhe de cabeça como o seu Chefe.

Pai nutridor de Jesús, devia ter contacto continuo com o que há de mais inacessível à razão humana, o mistério de Deus, o mistério de um Deus feito homem, de um Deus vivendo entre os homens e precisando do amor e dos cuidados de um pai adotivo".

Assim de sécuio em sécuio "sua potência veio sempre crescendo".

Sua vida de carpinteiro, desprezível aos olhos do mundo, foi cheia de mistérios estupendos, mas passada na humildade e num sagrado recolhimento e silêncio. Como entretanto, pouco e pouco, começou a brilhar a sua glória, tornando-se afinal "o pastor e a rocha de Israel!"

Sabemos que no Concílio Vaticano, Pio IX, por decreto de 1870, proclamou solenemente S. José Patrono da Igreja universal.

Anteriormente a Igreja Grega havia estabelecido a sua festa no dia 20 de Julho; e a Igreja Latina, está fixando-a no dia 19 de Março que comumente se julga ter sido o dia da sua morte; e Gregório XV o estendeu à Igreja universal.

Antes dêste meio-dia de triunfo, reconhecia-se a dignidade e o poder de intercessão de São José, todavia o seu culto vigorou primeiramente entre os fieis sem grande exterioridade. Quanto à devoção interna dos animos dos cristãos-católicos, esta floresceu logo desde o início; e não pôdia ser de outra sorte, dado que perseguidos pelos pagãos nadavam com frequência nas águas das angústias: sabiam ferir as cordas do coração — violino bem afinado — daquele justo cuja intimidade com Deus fôra tão profunda na terra e cuja missão fôra guardar os seus tesouros, Jesús e Maria.

Lembremos que se nos monumentos históricos das Catacumbas não faltam as figuras de Cristo e da Virgem, também lá está a de S. José.

Há tantos cristãos-católicos, principalmente da parte dos proletários, que necessitam de um padroeiro fortissimo em quem depositem confiança, para ficar sob a sua estrela, e que lhes possa incutir, como S. José, o maior gosto, ou entusiasmo pelo dever de estado e de profissão, "por motivos de fé, que voltaremos ao assunto, procurando então apreciar singelamente as suas virtudes, os seus exemplos.

Alguns aspectos de "Meditações Sulamericanas" do Conde KEYSERLING

Por Augusto Duque

A América Latina, isto é, a Nossa-América que se estende da Patagônia ao México, é sem dúvida o continente bom. O chão missionário.

Tudo índica, todos os fatores ajudam, defeitos e qualidades, para que no Continente Novo seja realizada a festa da história, o recreio da humanidade atribulada de todos os cantos do mundo velho.

Quando as civilizações se esborôam, a América Nova prepara-se para realizar a nova etapa da história. Não somos nós que afirmamos. São eles os de outras terras, impressionados, pelo calor, pelo reboleio vital, pelo sentido inaugural e diferente do continente.

Houve uma época em que todos os vaticínios afirmavam a nossa decadência, o nosso desaparecimento, próximo. Os dogmas raciais, os tabús das grandes civilizações etc. davam-nos társ acabrunhantes. O "nordecimo", o "pangermanismo", o "anglo-saxonismo" e, podemos dizer, o "ianquismo" negaram a nossa capacidade de povo e o nosso direito ao sol, ao bom sol das grandes realizações históricas. É a época de Gobineau, Ratzel, Wallace, Chamberlain "et magna..." de saudosa memória.

Daquelas correntes, os teutos orgulhosos de suas realizações, principalmente, patenteavam a nossa incipiência.

Mas, as cousas mudaram. Os velhos conceitos se bandalharam aos fatos e ao novo ímpeto de vida dos nossos tempos. E, vem o Conde de Keyserling, alemão, meio maluco, espontaneamente, inventando cousas, conjecturas, fatos, interpretações, anunciando dados, para concluir pela supremacia vindoura do homem americano, desse homem complexo e medonho que seus antepassados caluniaram. É o índice dos novos tempos. É o sinal característico da **nóva humanidade**.

"Meditações Sulamericanas" de que demos as presentes notas é o livro com que Keyserling repára os conceitos dos seus antepassados no pensamento de sua pátria. Mas, uma reparação a seu modo. No seu geitão. Com os meios que lhe fornecem suas concepções filosóficas. É o seu maior livro, como ele próprio afirmou. Dess'arte, "Meditações Sulamericanas" muito citado e pouco lido é de grande importância para nós brasileiros e sulamericanos.

Keyserling é um idealista em toda linha. Vai buscar em Kant, através de Hegel as bases do seu pensamento e de suas concepções próprias.

Acha que sómos analfabétos para conhecer a causa em si, como é. E que os fatos não são cousas que existam por si mesmos e sim produtos de nossa abs-

tração volutária. O espírito colabóra na criação do universo. E a criação é algo em perpétua transformação, o que corresponde mais ou menos ao "sistéma trifásico" da dialética hegeliana que vai ter a sua primeira concepção no mobilismo de Heráclito. Diz: "Há tantas possibilidades cósmicas como imaginações têm podido impôr-se". Isso é o mais refinado idealismo.

A sua epistemológica é verdadeiramente platônica. O conhecimento para Keyserling como para o "divino" é uma recordação. Por essa razão afirma que "no princípio foi a recordação" o elemento fundamental da consciência.

O idealismo do sábio de Darmstraat justifica a extravagância dos seus conceitos. Crtamente o espírito livre, com "carta branca" para tudo criar e impôr poderia conceber o absurdo de cousas por ele imaginadas. E ainda o vemos mais contraditório quando lembramos a atitude firmadamente anti-intelectualista que assume.

Partindo de princípios criticistas Keyserling com o seu idealismo criador e arbitrário, constroi um arcabouço de conceitos verdadeiramente anti-criticista. Afirmando a seu modo, sem provas, sem justificações, com o espírito prolifero e criador não parece o mesmo que deriva do agnosticismo kantiano. O seu idealismo é uma fonte terrível de conhecimentos "priori"! Vai buscar lonçe. Advinha.

Em tudo isso somos levados a crêr na incoerência total do pensamento de Keyserling. Se não recebemos quaisquer dados das cousas se "mil est in sensu quod prius non fuerit in intellect", como podem ser referidas tantos fatos sem a mínima explicação, num inatismo que aumenta a incoerência do pensamento de conjunto?

Assim, o idealismo a "outrance" de Keyserling leva-nos a crer mais firmemente num gnosticismo.

O seu idealismo é ainda passível das críticas gerais e comuns sobre êsse sistema.

(Continúa).

POEMA-PRECE

Na noite cheia de lamentações
eu escutei a musica longinqua das estrélas
melodisando nostalgias incompreensíveis
como se fosse
os reverberos de meu mundo interior.

...E eu plasmei meu poema-prece
com sonho
com queixume
com miragem
sentindo a presença do Irrevelado
na quietude das coisas em extase.

...E o Senhor ouviu minha prece que foi um poema
e eu senti Sua Voz
diluida na magia do Imponderavel.

de MENELIK LUNA

UM PRINCIPE MUSICISTA

Por:

Vicente Fittipaldi

NESSE período em que se comemora, o 8.º Centenário da Nacionalidade e 3.º da Restauração da Independência de Portugal é-me sobremodo agradável exaltar a figura do nosso primeiro imperador.

D. Pedro I, confesso, me entusiasma até mais, que o próprio seu sábio e augusto filho.

Sim, concordo, era muito bonito o que Pedro II fazia. Que não é p'ra todo o mundo traduzir os gregos do original, e ser "de casa" com um Vitor Hugo...

Mas, meu Deus! tudo iso — p'ra usar uma frase que está na moda — tão fóra da realidade brasileira!

Pedro I, não: Brasil até ali. Parecidíssimos. A mesma inteligência pronta e — vamos dizer — superficial. O mesmo entusiasmo sincero e espontâneo. O mesmo plebeísmo bonachão. A mesma inconstância. A mesma bravura estabanada. O mesmo amor pelas aventuras a D. Quixote. A mesma impulsividade... Bem Brasil, enfim.

Mas, creio, há uma razão mais importante, ainda, que me fez votar esta simpatia admirativa ao autor da nossa independência. E — como direi? — uma espécie de solidariedade profissional. Que D. Pedro I era musicista. Bom musicista, até.

Vinha-lhe no sangue o pendor para a música.

Desde D. José I, era tradicional, nos Bragança, o cultivo da divina arte.

A D. João IV, bom músico, devia, Lisboa, a sua magnífica Biblioteca Real de Música, e que, depois, o famoso terremoto arrasou.

Propício ao desenvolvimento dos dotes artísticos do jovem príncipe, era, também, o ambiente da metrópole que seu Pai, acossado pelos exercitos napoleonicos, viera criar por estas bandas. Espírito profundamente religioso, D. João VI tinha convivência amiludada com os maiores compositores sácos da época. Isto lhe trouxera uma cultura musical fóra do comum. Aquí chegando, tratou logo de organizar a sua "Capela". Man-



Pedro I

dou vir o mais famoso musicista de luzas terras, Marcos Portugal, e o não menos famoso compositor alemão Neukomm. Estes, aproveitando os negrinhos do Conservatório de Santa Cruz, fundado pelos jesuitas — o primeiro instituto de ensino musical que funcionou no Brasil —, formaram um conjunto que despertava a admiração dos contemporâneos. Um turista da época, M. Freycinet, assim nos fala da "Capela" da corte de D. João VI.

"Nous avons entendu souvent avec admiration la musique de la chapelle royale, dont presque tous les artistes etaient nègres et l'exécution ne laissait rien a désirer".

Foi nesse ambiente que o jovem príncipe copemou a sua educação musical.

Confiado à competência do padre José Maurício — o primeiro, na ordem cronológica, dos nossos grandes músicos, e ex-aluno do Conservatório de Santa Cruz — com nove anos, apenas, já é forte em teoria e solfejo. Mais tarde, sob a orientação de Neukomm, trabalha a harmonia e o contraponto. Cinco instrumentos lhe são familiares: o clarinete, o fagote, o trombone, o violino e o violoncelo.

(Conclue na pag. 23)

ANCHIETA -- PRE- CURSOR DA ESCO- LA-NOVA NO BRASIL

Por Everardo Vasconcelos

Para RENOVAÇÃO

Os cantos de outro clima e de outra idade
Ensinava, sorrindo, ás novas gentes,
Pela língua do amor e da piedade.
.....
.....
E no dorso dos séculos trazido
O nome de Anchieta resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido.

(MACHADO DE ASSIS)

O MESTRE

COM o segundo governador-geral, D. Duarte da Costa, chegara ao Brasil mais sete jesuítas, para militar nas fileiras do incansável Nóbrega, o bom padre tão pouco conhecido dos brasileiros, que lhe devem a educação de vovô-indio.

Entre os sete — dos quais o mais ilustre era o padre Luís da Grã, ex-reitor do Colégio de Coimbra, vinha um moço de dezanove anos, pálido, magro, carcunda. Era o escolástico José de Anchieta. Desde que uma escada cairia-lhe sobre os rins, deformando-lhe a espinha, gosava de pouca saúde. Devido a êsse contratempo — que incutia no noviço o temor de não poder continuar servindo à Companhia de Jesus — ganhou o Brasil um mestre inegalável e a Igreja o mais humilde dos servos.

O Brasil, de então, possuía muita coisa ruim. Principalmente os colonos. Mas tinha bons ares, propícios à saúde arruinada de Anchieta. Por isso os doutores mandaram-no para cá.

Do Reino à Baía, fez a viagem *servindo a bordo em ajudar o cosinheiro da nau* e aprendendo a arte de marear, nas horas de folga. Chegado à Cidade do Salvador, foi lecionar latim.

À proporção que lhe voltavam as côres e a saúde, foi aprendendo a língua do bugre, aperfeiçoando os seus conhecimentos, criando um vocabulário para uso dos educadores jesuítas, ajeitando catecismo e «mistérios» para os curumís.

Nóbrega, o precursor, em 1553 ideara fundar a segunda casa da Companhia. Escolhera Piratininga. Ai seria criado um colégio. Precisava de educadores. O talento, a capacidade criadora, o poder de trabalho de Anchieta já eram conhecidos. Nóbrega — meio desanimado de fazer obra perfeita onde os *seculares tomavam o exemplo dos sacerdotes, e o gentio de todos* — mandou o padre Leonardo Nunes, o avarebê (padre-voador) dos selvagens, buscar Anchieta em Salvador, *pela notícia que já tinha de sua virtude e grandes partes.*

Anchieta deixou os sus bugres baianos e fez-se de rumo à Piratininga. Viagem acidentada. Duzentas e quarenta léguas foram vencidas em barcos caindo aos pedaços, de velhos, ensinando aos pilotos Nunes e Anchieta a oportunidade de servirem de carpinteiros navais. Era mais um ofício que aprendiam...

Em 1554 estava fundado o colégio de Piratininga. O padre Manoel de Paiva seguia de superior, chefiando doze missionários. Anchieta, o ex-ajudante de *cuca*, ex-piloto, ex-carpinteiro naval e ex-mestre de latim, ia servir como mestre-escola. A partir desta data, ia revelar em tôda plenitude a sua capacidade inata de educador.

Aparecia em todos os lugares, sabia a língua de todos os entes, vencia todos os estorvos...

Varara os sertões viajando de tôdas as maneiras; a pé, escarranchado em cangalhas, em rêdes, de *macaquinho* nas costas de bugres; vadeava córregos, atravessava cachoeiras e rios caudalosos, salvando-se, às vezes, por milagre, quando acontecia virar a piroga; enfrentava a ira do mar em frágeis canoas; sobrepunha-se à ferocidade carniceira de Cunhambeba; vencia a má-vontade de Caoquira e de Pindobassú. Nada foi capaz de deter a marcha dêsse mestre dos mestres, no seu longo peregrinar de educador de uma nação.

Obrou tamanhas maravilhas, êsse precursor de Pestalozzi, que os selvagens, obrumbrados, julgavam-no um Deus. Ou maior que isto, o *grande Piáhi*, supremo pagé-branco. Um feiçiceiro de tal poder de encantamento que merecia o título de maior entre os maiores. Feiçiceiro-grande... PAGÉ-GUASSÚ, batizaram-no. Este é o nome brasileiro de José de Anchieta, que, se não era brasileiro pelo nascimento, foi, talvez, o maior brasileiro pelo coração.

A ESCOLA

No dia 25 de Janeiro de 1554 — dia consagrado à conversão de São Paulo — resava-se a primeira missa no Colégio que recebera o nome do santo.

O Colégio — donde depois saíram tantos nomes ilustres — era um quasi nada: uma *barraquinha de caniço e barro, coberta de palha, quatorze pés de comprimento, dez de largura*. Tão exiguo espaço era, a um tempo, *escola, enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha, dispensa*.

Mas, para a alma simples, despretenciosa de Anchieta, isto representava grande coisa. E êle quem o diz, a Loyola: *Estamos, como lhes tenho escrito, nesta aldeia de Piratininga, onde temos uma grande escola de meninos filhos de índios*. Em carta anterior, onde dera notícia da *barraquinha de caniço e barro*, não esquecera de acrescentar, humildemente: *Não invejamos, porém, as mais espaçosas mansões que os nossos irmãos habitam em outras partes, que Nosso Senhor Jesus Cristo ainda em mais apertado lugar se viu, quando foi de seu agrado nascer entre brutos numa mangedoura; e muito mais apertado então quando se dignou morrer por nós na cruz...*

A escola foi crescendo. Um ano mais tarde já merecia melhor o nome de Colégio. E, em 1556, no dia de Todos-os-Santos, *com procissão, repiques, inúbias e maracás*, inaugurava-se um prédio maior, com Igreja nova.

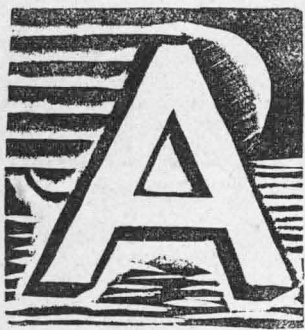
Então, a humilde tenda de Anchieta estava melhorada. *Por oficina e também por escola tem o largo corredor que leva ao cláustro; Por mobiliário, algumas pranchas sobre cavalêtes à guisa de mesa; por bancos, grossos madeiros corridos ao longo das paredes, e, completando isso, esteiras e couros pelo chão, barrotes e cêpos a servirem de cadeiras.*

Ai, nessa escola tão simples quanto os *pátios* dos antigos gregos, os jesuítas, e principalmente Anchieta, lançaram bem fundo os alicerces duma nacionalidade nova, construíram as bases do sentimento cristão que tem sido, através êsses séculos, a força dominante, o principal impelidor contra os credos exquísitos e as idéias malignas que tentaram implantar nesta exuberante Pindorama. (Cont. no próximo número)

O DRAMA DOS SAMPAULEIROS

Dr. Dalmo Belfort de Mattos

(Livre-docente da Faculdade de Direito
da Universidade de S. Paulo)



Imprensa mineira vem-se preocupando há meses com a situação dos imigrantes retidos em Pirapórá. Relatam-se casos de extrema miséria. Fala-se em fome, em privações sem conta, na promiscuidade dos “campos de concentração”, em milhares de pessoas expostas às intempéries. Solicitam-se providências ao governo. O Conselho de Imi-

gração e Colonização debate inúmeras sugestões. Desde o “transporte em massa” para São Paulo, preconizado em Maio último pelo Dr. Azeredo Rangel. À remessa de numerário por via aérea, conforme a sugestão do conselheiro Dulfe Pinheiro Machado.

O problema transcende, porém, dos debates apresados. Exige uma solução racional e permanente.

Não se trata, com efeito, de uma aglomeração esporádica, de “retirantes” batidos pela seca. E imobilizados à beira-Rio por uma falta momentânea de transporte.

Encontramo-nos frente a um fenômeno cíclico, que se repete sempre que o “rebenção” assola os chapadões franciscanos. Verificou-se durante a “seca dos 3 oitos” (1888). Foi observado durante a dos “dois zeros” (1900). Assumiu, finalmente, proporções alarmantes, quando a “seca de 32” tangeu milhares de nordestinos e baianos rumo do Sul.

Prende-se, aliás, à sedução das “terras grandes”, onde campeia o conforto, e onde há salários elevados. E ao emprégo da mão de obra nortista na “mata do café”.

Como bem frizou Alejandro Alvarez, em seu “Droit International Américain”, toda imigração envolve questões econômicas, psicológicas e históricas. E qualquer solução que se alvitre deve tomar em consideração êsses múltiplos fatores. É o que vamos ventilar, nestas notas à margem de nossa imigração interna.

A IMIGRAÇÃO BAIANA NO TEMPO DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA

A imigração interna, no País, começou com o “rush” das Bandeiras. Minas Geraes — a terra do Ouro — tornou-se o centro demográfico da Colônia, no século XVIII.

A valorização do assucar arrastou, depois, para o Norte, a caudal negra dos escravos sudaneses (gêges, nagôs, amboelas e “bôbos”).

Pernambuco e Baía predominaram, na primeira metade do século passado, e concentraram, em suas culturas de cana, grande parte do braço servil existente no Império.

Veio, porém, o desenvolvimento da cultura cafeeira. Esvaziaram-se os engenhos do Norte. E segundo vemos nos “Estudos afro-brasileiros”, foi tal a remessa de pretos para as lavouras paulistas, que as câmaras nordestinas multavam os senhores que despovoavam as províncias.

Novo afluxo se verificou, após a proclamação da República. O nível baixo de vida, os salários de fome (-500 diários, segundo as estatísticas recentes do Ministério do Trabalho) faziam com que os “cabras de engenho” procurassem no Sul uma sorte melhor.

E o “barranqueiro” do São Francisco tornou-se “sampauleiro”. Isto é, buscou São Paulo. E começou a afluir, quer pelo porto de Santos, quer pela Linha do Centro. Dirigia-se para Rio Preto e a Noroeste: trabalhava seis meses, e após voltava à sua vila, trazendo dois pares de botinas “rinchadeiras”, e uma grande mala amarela, cheia de “novidades”.

São Paulo passou a receber, anualmente, cerca de 20.000 imigrantes do Norte. Seu baixo coeficiente de fixação (cerca de 11%) tornava-os uma população instável, andeja. Eram os “andorinhas” (1).

Sobrevieio a crise. A produção baixou. Decretos sucessivos proibiram o plantio do café e da cana de assucar. E começou o drama. O trabalho não absorvia, como dantes, levas sem fim de “retirantes”.

Verificou-se a propaganda extremista. E, dí-lo François Maurette, em sua documentação monografia sobre as condições do trabalho no Brasil, “os agricultores começaram a temer a introdução de colonos, contaminados pelo vírus vermelho” (2).

Daí, dois novos fatores: a menor procura de braços e o receio das idéias subversivas que muitos retirantes propagavam.

E começou a surgir, e a desenvolver-se progressivamente, a vaga dos desiludidos, que não mais encontravam a Canaan econômica. E as secas se repetindo, no repizar cíclico das desgraças irremediáveis...

O PROBLEMA ATUAL

Ora, a cultura paulista não pode receber colonos além de certo limite.

Acresce que um sem-número deles apresenta moléstias contagiosas, segundo se depreende dos comunicados oficiais.

Logo, o problema não é, exclusivamente, de transporte. Urge canalizar para outras regiões, o excedente da imigração baiano-nordestina, que não poderia ser utilizada em São Paulo.

Noticiou-se que o C. . N. C. proibirá o aliciaimento. Mas a prova cabal de sua inexistência, hoje, é o próprio fato da retenção de imigrantes.

(Conclue na pag. 23)

(1) — Sobre as origens indias do nomadismo baiano-nordestino, vide os trabalhos do Prof. Otto Quette: (Migrações étnicas no Nordeste Brasileiro), in “Boletim do Ministério do Trabalho”, 1938.

(2) — Segundo lemos nos comunicados oficiais sobre o movimento comunista de 1935, um dos centros de maior eficiência na propaganda bolchevista encontrava-se em Januária, dez leguas abaixo de Pirapórá, à beira do São Francisco.

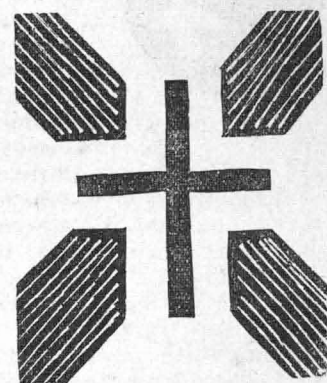
PORTUGAL É O PAÍS QUE MAIS CONTRIBUIU PARA O CONHECIMENTO GEO- GRÁFICO DO MUNDO

PORTUGAL:

EM 1340 — Organiza uma expedição às ilhas Canárias. Em 1415 — Conquista Ceuta — A chave do Mediterrâneo. Em 1418 — Descobre a ilha de Porto Santo. Em 1419 — Descobre a ilha da Madeira. Em 1432/53 — Descobre o Arquipélago dos Açores. Em 1434 — Dobra o Cabo Bojador, desfazendo assim a lenda e as doutrinas de Aristóteles e Ptolomeu da inhabitabilidade da zona tórrida. Em 1436 — Descobre o Rio do Ouro. Em 1441 Chega ao Cabo Branco. Em 1445 — Chega ao Cabo Verde. Em 1459 — Toma a praça forte de Acacer Ceguer. Em 1465 — Vai até a Serra Leoa. Em 1471 — Conquista Arzila e descobre a Costa do Ouro, passa o Equador. — Descobre o emisfério austral, guiado por uma nova constelação: «O Cruzeiro do Sul».

Em 1472 — Explora as terras do noroeste do Atlântico. Em 1473 — Funda o Forte de São Jorge da Mina, na costa d'África. Em 1484 — Fundeia seus navios na baía de Zaire, no Congo. Em 1486 — Dobra o Cabo da Boa Esperança. Em 1487 — Visita a Abissínia e conquista Azamor, em África. Em 1492 — Descobre a Península do Lavrador. Em 1494 — Obtém pelo Tratado de Tordesilhas cem leguas em direção ao Ocidente além da demarcação estabelecida pela Bula Papal, o que lhe assegurou a possessão do Brasil, do qual já conhecia a existência. Em 1498 — Descobre a rota marítima das Índias.

Em 1500 — Descobre oficialmente o Brasil. Em 1501 — Explora a costa da América do Norte, descobre a Terra-Nova, a Terra-Verde dita «Groeland», e a ilha da Conceição. Em 1502 — Descobre a ilha de Santa-Helena. Em 1503 — Controi o primeira fortaleza no Cochin (Índia). Em 1505 — Ocupa a costa oriental da África e descobre a ilha de Ceilão. Em 1506 Desembarca e toma posse de Madagascar. Em 1507 — Conquista Ormuz, a «Pérola do Oriente». Em 1510 — Conquista Gôa. Em 1511 — Conquista Malaca e descobre as célebres «Ilhas das Especiarias» (Sumatra, Java, o Arquipélago de Sonda e Banda) e chega às Molucas. Em 1514 — Envia uma pomposa embaixada ao Papa com as riquezas do Oriente — Atinge a costa da China. Em 1518 — Ocupa a ilha do Ceilão. Em 1520 — Pela sua Ciência e pela coragem de seus filhos realiza a primeira viagem em volta do mundo. Em 1521 — Visita a Nova-Escócia. Em 1526 — Descobre a Nova-Guiné. Em 1531 — Efetua uma larga penetração no Brasil. Em 1535 — Toma posse da Fortaleza de Diu, marcando assim o apogeu do Império Português na Índia. Em 1542 — Chega ao Japão. Em 1549/51 — Evangelisa o Império Nipónico. Em 1553 — Organiza uma expedição ao interior do Brasil até os rios São Francisco, Verde e Pardo. Em 1557 — Funda Macao que lhe foi dado em recompensa de haver libertado o mar da China dos piratas. Em 1560 — Visita Inhambane, Tongue, Quelimane, Sena, Tete, Chacutui e Zimboé de Monomotapá, n'África. Em 1570 — Continua as explorações no interior do Brasil atingindo Arassuai. Em 1578/86 — Realiza outras grandes explorações n'África e descobre as nascentes do Nilo. Em 1582 — Visita o Canadá, passando pelo Estreito de Behring. Em 1593 — Percorre grandes extensões no Brasil: Rio Verde, Andaraí, Rio Doce, Laguna de Japuranan, Grande-Suassai, Vale do Itamarandiba, Rio de Todos os Santos, nascentes do Jeriquiçá e do Paraguassú; constrói uma fortaleza na cordilheira do pedião ao interior do Brasil até os rios São Francisco, Verde e Pardo. Em 1603 — Chega à Jericoacoava, bate os indígenas na grande batalha de Camorim, atravessa a montanha d'Ibiapaba e atinge à Parnaíba. Em 1605 — Descobre as ilhas de Tuamotu, Taiti e as Novas-Hébridas. Em 1624 — Visita o interior do Tibete e descobre uma das mais importantes nascentes do Gange. — Percorre minuciosamente a região do Lago Niassa, n'África.



“Nenhum povo contribuiu como os Portugueses aos progressos no conhecimento do Globo, destruindo as barreiras que a carta ptolemáica opunha á expansão do homem sobre a terra”.

TEVENOT



OS CENTENÁRIOS PORTUGUESES

Por Nilo Pereira



ENSO que é um momento de paz e de felicidade para o espírito êsse em que paramos, no meio da desordem do mundo, e, abrindo um parentesis às dores e incertezas da vida ocidental, celebramos, tranquilamente, os dois centenários portugueses — o da fundação da monarquia e o da restauração. Êsses dois centenários estão transcorrendo entre os horrores de um momento político dos mais sérios que a Europa tem atravessado; mas, nem por isso, o tumulto prejudicou a serenidade patriótica com que, em Portugal e no Brasil, se tem podido recordar a velha história lusitana da monarquia e da restauração e, através dela, a formação de uma política portuguesa cristã e superiormente informada. Para nós, que ainda temos paz, e estamos certos de que êsse horizonte será ainda por muito tempo uma promessa de dias calmos e fecundos, a oportunidade é das melhores para refletirmos um pouco sôbre a contribuição histórica que Portugal traz ao mundo, afirmando uma unidade e uma espiritualidade até hoje ininterruptas.

Ê certo que não se precisa demorar muito nessa reflexão, nesse exame das coisas portuguesas para logo apreender a sua sugestiva beleza política. A unidade de Portugal é um fato que vem maravilhando a história dêsse atormentado mundo ocidental, onde tantas experiências políticas se sucedem, onde tantas ideo-

logias se têm chocado. Portugal não escapou à influência das novas idéias e dos novos homens; sua história não está imunizada do virus liberal; história nenhuma, aliás, estará isenta da sedução da política européia, no que essa política tem apresentado de mais reacionário e até de mais anti-humano. Mas, o certo é que o velho país, onde o espírito cavalheiresco e cristão de Afonso Henriques levantou a monarquia e onde, mais tarde, o infante D. Henrique será o poeta dos mares, na dilatação da Fé e do Império, conserva o sentido da sua tradição, essa tradição que faz do velho homem português, do construtor da nacionalidade o verdadeiro símbolo de grandeza e de civilização. Nenhum povo volta mais a si mesmo que o português: Ourique, Aljubarrota, Valverde; a epopéia dos descobrimentos marítimos; a poesia camoneana celebrando os mares, os heróis, aquelas "terras viciosas de Ásia e de África; os escritores do seu renascimento sempre inspirados em motivos de elevação nacional, não será tudo isso uma fonte permanente de renovação? Não estará tudo isso voltando, agora, ao espírito daquela gente, esquecida, talvez, de um tumulto europeu, de uma desordem da inteligência européia, tal a introspecção no estudo da sua esplêndida personalidade política? Ê realmente belo que Portugal, tão perto da convulsão, mas ao mesmo tempo tão fora dela, possa sentir, na sugestiva evocação da sua história tantas vezes centenária, a influência de uma tradição gloriosa que está em tudo às suas vistas: na sua literatura, na sua arte, na sua política.

Também nós podemos parar em meio da confusão para sentir a mesma influência, para fazer a mesma meditação. E a maior homenagem que se pode prestar a tão grande povo

é a de refletir bem no seu destino, é a de apreender bem a sua lição. O ano dos centenários é também o ano de uma grande sugestão histórica. Numa hora dessas todos nós amamos abrir a história portuguesa: e o que se sente é que a terra onde o cavalheirismo cristão e bem medieval fundou uma civilização nobre o fecunda em nada tem perdido das linhas mestras da sua vocação nacional. Atravessou crises e experiências; viu os dias da decadência; fez reações liberais e iludiu-se com elas, mas o tempo não lhe tirou o sentido cristão da vida. Eu vejo nesse sentido o sinal perpétuo da unidade do povo português.

Portugueses e brasileiros sentem que, na celebração dos centenários, um grande sentimento os une: o de uma perfeita integração histórica. Estamos vivendo o mesmo momento lusobrasileiro e com a mesma intensidade. Os centenários são também a nossa festa: a festa da nossa tradição. Não é exagero dizer assim, pois Portugal infundiu na alma brasileira tudo o que de mais espiritual e mais humano formou a sua consciência e animou o seu desenvolvimento histórico. Só nos resta saber prezar êsse patrimônio que, nessas horas, é ainda mais vivo e mais fecundo.

Aproveitemos êsse clarão de paz que o velho Portugal abre no meio da confusão da Europa e pensemos na lição portuguesa: Afonso Henriques, Nuno Alvares, o Infante navegador, o poeta nacional dos Os Lusíadas são figuras de uma grande história humana. Eu penso agora nêles quando os vejo construindo uma nação e quando vejo que êsse povo que êles levantaram e projetaram na glória está sendo digno do seu destino. Sobretudo eu sinto que êsse momento de paz e de reflexão é um raro instante de felicidade que o espírito ainda nos concede.

Por **AUGUSTO
DUQUE**

“INTRODUÇÃO A’ SOCIOLOGIA”

Autor: **Fernando Mota**

DECIDIDAMENTE os estudos sociológicos tiveram nos últimos tempos um notável progresso no Brasil. Já uma multidão de estudiosos, de interessados dedica-se com afinco às investigações dos fenômenos sociais. Em S. Paulo temos, já, um Clube de Sociologia e uma valiosa revista trimestral, índices de grandes atividades nessa ordem de estudos.

A inclusão entre as matérias do Curso Complementar dos estudos sociológicos, veio divulgar, mesmo, forçar a atenção de muita gente para essa complexa ciência que é Sociologia para uns e Ceniologia para outros, como quer Raour de Bruegilles (1).

No mundo moderno, quando os choques sociais tomaram vulto e, quando, os conflitos se fizeram claros e concientes a todos, o estudo da Sociologia não é, somente, uma necessidade cultural ou diletante, é um imperativo para compreensão e interpretação da horrível, mas, grandiosa vida presente.

Os problemas sociais reduzem-se, principalmente, a uma questão de conhecimento exato, de identificação. Até lá o caminho é muito difícil. Daí, a necessidade premente de um maior esclarecimento, de uma maior divulgação dos estudos sociológicos, para uma justa indicação e situação dos fatos sociais. Dêsse conhecimento decorre um bem imenso.

*
* *

No Brasil há grande carência de bons livros didáticos. Menos alguma cousa do que a opinião de certos professores que fazem estribilho de suas aulas a crítica acerba aos livros didáticos correntes.

De **Sociologia** temos o de F. Azevedo para os princípios gerais, os de Delgado de Carvalho muito apegados a uma doutrina, o de Aquiles Junior tentando dar todo o programa oficial, principalmente. A revista “Sociologia” de Romário Barreto e Emilio Willens tem servido muito aos estudantes.

Apareceu, agora a “**Introdução à Sociologia**” do professor Fernando Mota, que é, sem favor, um grande presente aos estudantes de sociologia, principalmente, àqueles do Curso Complementar. Como obra didática e dentro das finalidades para que foi feito, o livro de Fernando Mota é com vantagem, o melhor que conhecemos no país.

“**Introdução à Sociologia**” é escrito em linguagem acessível, clara, com domínio inteiro de assunto e num

(1) — Introduction à une sociologie thomiste.

objetivismo louvável. Não defende qualquer conjunto doutrinário, é uma exposição imparcial e inteligente da situação da ciência dos fatos da convivência social, o que é muito.

Fernando Mota, entretanto, não faz colcha de retalhos. Pensa, interpreta, enfim cria.

Um dos pontos mais altos do seu trabalho é a racionalização da classificação dos grupos sociais de Maunier, com penetração e independência de pensamento não comum em nossos expositores.

Assim, “**Introdução à Sociologia**” é um bom livro que presta-se não somente para alunos de sociologia, como também, para todos os que se dedicam a êsses estudos.

E, Fernando Mota, sem dúvida, denuncia-se aos poucos, um pensador, daquela boa estirpe dos homens privilegiados pela inteligência e pela vontade.

FOGUEIRAS

Por **ARY LYRA**

Pingos de fôgo, no veludo negro da noite..

E mais parece ao vê-las
o rendilhar irrequieto das estrelas
a salpicar de prata o firmamento...

Fogueiras de São João...
Infância querida
que não volta mais...

Fogueiras de São João...

Olhos dentro da noite atroz de minha vida,
olhos abertos como chagas de dor
que não saram jamais.

Fogueiras de São João...

Recordação feliz do tempo que passou
e que a distância levou
para bem longe de mim.

Vou acender uma fogueira à São João.
Uma fogueira que me queima o coração
e que a saudade acendeu
desde que a minha felicidade morreu.

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Por Silvino Lyra

V

“Representação Política”

as energias econômicas são os elementos propulsores do progresso material das Pátrias. E as suas expressões atômicas se representam nos indivíduos. Estes, no conjunto grupal da profissão, afirmam o caráter diferencial dessas energias, através da unidade orgânica do grupo natural, o Sindicato, que, no caso, expressa, por assim dizer, o próprio diferenciar da unidade também orgânica da Nação.

Os vagabundos e os desocupados, os diletantes analfabetos irresponsáveis das metrópoles e os eternos aproveitadores de situações políticas, nenhum destes, tem o endosso necessário para representar a nacionalidade. Somente os que trabalham e os que produzem, com a inteligência ou com o braço, somente estes, ensinando nas escolas ou observando nos laboratórios; escrevendo ou estudando solução de problemas; os que lavram os campos ou aqueles que inundam de suor os fundos das fábricas, além do número ilimitado de trabalhadores outros, que movimentam as suas energias físicas, mentais ou espirituais nos vários setores de atividades econômicas, científicas ou estéticas, somente eles podem representar a Pátria, falar pela Nação, porque não há países de desocupados e nem progridem as nações de vagabundos.

Desde o ambiente limitado do município, até o todo orgânico da sociedade civil, os elementos indicados, por si sós traduzem as energias de cada povo. Negar-lhes o direito de representação, é assassinar a própria Nação.

* *
*

O Sindicato, por sua própria natureza, fato social necessário como grupo natural, deve ser compreendido não somente como uma expressão econômica ou simplesmente política, porque não há verdades mutiladas. E os Estados meramente políticos, tendem à desagregação e à morte. Negligenciar, porém, estas forças para afirmá-lo exclusivamente econômico, é destruir as energias espirituais de um povo, e condená-lo à eterna imobilidade.

É necessário ao Sindicato a representação política. É mister que os operários se identifiquem com os problemas nacionais, pesquisem e estabeleçam as normas capazes de solucioná-los. A Corporação, é, para nós, universalista. E está para o Estado, assim como o Estado está para o Universo. Não se subordina e nem se escraviza. Integra-se. Movimenta-se, afinal, dentro do próprio ritmo do Estado, como síntese, expressão organizada da Nação compreendida no todo cósmico.

Os trabalhadores não podem ser afastados dos estudos, nem ficar à margem nas decisões da Nação, porque eles compreendem a própria Nação no seu movimento perene.

E a representação política para os Sindicatos, é um reclamar angustiado do Brasil que deseja sentir os impulsos bemfazejos das coletividades laboriosas do capital e do trabalho.

Esta, porém, somente terá aplicação segura, ao lado da representação econômica, que proporcionará ao Estado o conhecimento preciso da potencialidade das energias materiais da Nação.

VI

“Representação Econômica”

O processo da movimentação das potencialidades econômicas, não pode ser realizado fora da órbita centralizadora dos movimentos nacionais, a fim de que elas não deixem o seu centro orgânico e, descontroladas se sujeitem à desagregação, provocando, em resultante, a destruição da unidade orgânica do Estado, escravizando-o às coisas inferiores.

O entrecchoque de interesses antagonônicos evidenciável no movimento desordenado delas, provoca o aniquilar das harmonias do todo, que não vive para as partes e sim em função destas, assegurando a sua própria vida e equilíbrio, num repouso dinâmico.

Dirigindo a movimentação dessas forças, conhecendo-lhes a potencialidade, o Estado terá os dados necessários à prevenção das crises futuras e os meios de solução aos problemas atuais.

Identificado com as deficiências e possibilidades de cada uma, anteverá o resultado dos choques a que se disponham, possuindo, assim, o necessário para dirigir a economia nacional beneficentemente, e inteiramente a salvo das reviravoltas imprevistas.

O que concerne ao realizar dessa representação econômica, como deverá ser processada, como serão discutidos os problemas a si inerentes, estudaremos quando tratarmos da organização corporativa do Estado, focalizando os elementos à sua ordenação e os princípios irrefutáveis que a justificam.

Por enquanto, será melhor refletir sobre o aspecto protecionista dos Sindicatos, às expressões atômicas da sociedade, os indivíduos, integrados no grupo pelas profissões que gravitam em torno do organismo perfeito do Estado.

Assim, in-loco, vejamos a parte da assistência material ao obreiro, num plano imediato.

Deslocamo-nos, do ponto de vista teleológico ou finalista do Sindicato buscando o equilíbrio relativo da sociedade e do Estado, para encará-lo como meio e fim que é, e a sua atividade prática no setor dos problemas reais e imediatos dos seus filiados.

Pois, sendo o Sindicato o ambiente onde, dentro do município o homem vive, é claro que, como expressão

(Continua na pag. 22)

DÉSIRÉ LUCAS

Par Fortunio
Critique d'Art
au "NATIONAL"

J'ai fait ce livre à la mémoire de ma femme. Quand vous l'aurez lu vous me connaîtrez mieux, m'écrivit le maître Désiré Lucas.

Je n'ignorais pas son oeuvre immense. Et je présentais en ouvrant les pages la dualité d'homme à artiste qu'on trouve toujours chez les plus grands, témoin Corot, le dieu Corot.

Ce livre que désirait "Marguerite" il l'a écrit au foyer vide... Mais la première page fait revivre une noble femme tenant un enfant sur les bras: un chef d'oeuvre, un **credo** d'artiste, sévère et grave comme l'amour... Classique sans académisme, sans fausse-adresse, ennemi de la **recette** qui est **nécessaire pour mentir et non pour dire la vérité** (Quost dixit) se rappelant à temps le mot de Goethe "persister dans un état quelconque, c'est s'asservir" Désiré Lucas est un indépendant dans le sens le plus élevé du mot.

Le récit qu'il fait de son entrevue avec Gustave Moreau est une page prenante entre toutes: Désiré Lucas a 27 ans. Il voit en Gustave Moreau est une page prenante entre toutes: Désiré Lucas a 27 ans. Il voit en Gustave Moreau "le grand médecin consultant à qui l'on demande la guérison" souffrant des conseils de Rouguereau... Il lui soumet un paquet d'épreuves, parmi lesquelles le **portrait de la jeune Quessantine**, oeuvre d'instinct, qui marque le registre de sa voix et qui contient en puissance la maîtrise certaine de demain.

— J'ai confiance en vous, travaillez, dit Gustave Moreau attentif. Il quitte le maître sur ces mots.

A Paris, il fréquente le Louvre, se nourrit de Rembrandt et... de fruits secs... Echec au Salon, Année de déboire. Rentrée d'argent: Pour mieux connaître le grand Rembrandt il va voir son oeuvre en Hollande.

Déjà, les toiles de Lucas sont remarquées. MM. Rooth et Leroy lui proposent un contrat. Il accepte. C'est l'aisance, voire la fortune. Mais l'artiste sent à quelque temps de là ses concessions au marchand, à la vente. Il est prisonnier... Sur les conseils de son Egérie: Marguerite, il rompt le contrat pour être libre. Abnégation d'une femme d'artiste: demain sera pavé d'épreuves. Mais il est aimé et il aime: à deux l'on n'a pas peur de la vie!

Il fait la connaissance de Carrière: leçons de synthèse. La forte pensée de Goethe "pauvres gens qui confondent exactitude et vérité" lui dessille les yeux, l'éblouit...

Son horreur de l'académisme s'accroît. Le mépris du morceau **bien ficelé**, de l'art d'imitation, lui dictent sa voie. Le "père Quost" le conseille avec des paroles

Divulgação exclusiva
de "RENOVAÇÃO"

éclairantes: "Celui qui a trouvé une formule contracte une maladie mortelle" Empreinte ineffaçable: Désiré Lucas se gardera de "fabriquer".

Maintenant, il a conscience de sa valeur d'homme. Il sait ce qu'il vaut, se qu'il donne, ce qui lui reste à faire. Toute sa vie morale est là: sa vie morale qu'il place avant tout, même avant l'art...

Trop grand pour se singulariser, il laisse à d'autres le souci de dissimuler sous l'obscurité de la forme le vide de l'esprit. Il ne dessine pas à la façon d'Ingres — moins émotif que calligraphe. Il sait que le dessin n'est pas qu'un contour sage mais "la définition des espaces en profondeur dans lesquels se meuvent les formes".

Il possède la plénitude du ton, la valeur dans la force, l'expression vivante dans l'épaisseur de la matière. Il a le **choc** devant la nature et l'émotion qu'il communique. Il a le sens des plans et de la lumière qui les frappe — pont magique du ciel à la terre. Il ne peint que lorsqu'il a quelque chose à dire, sachant "qu'on peut être bavard avec le pinceau".

Ses élèves l'ont baptisé le **Père éternel**. Boutade affectueuse, vraie surtout pour son art patient: **Patiens quia aeternus**... Entendez son rire d'enfant, sa verve. Comme il avait raison le père Quost quand il disait "il n'y a pas d'âge: il y a les vivants et les morts! "L'âge se mesure à la qualité d'amour, à la jeunesse du coeur, à la vie qui jaillit de l'oeuvre" complète Désiré Lucas...

Il peint toujours en profondeur. Il donne sa densité à la terre et son impondérable au ciel. Il dit magistralement **l'Espagne**, sa violence colorée, ses tons fauves, les nuées qui dévorent ses montagnes, le chaos de la **route de Talavera**, la **Sierra** ravagée de troupeaux et les **chênes verts** impressionnants.

— Ecoutez son vade mecum:

— Un tableau? C'est une émotion reçue et transmise: "voici la voute insondable du ciel. La terre" "prend place sous cet infini. La lumière en révèle la" "structure. Dans l'espace, ses lignes et ses mouvements" "forment une succession de plans qui se colorent selon" "l'heure et la distance. Aucun de ces plans n'échappe" "à l'influence du ciel et chacun exerce une action sur" "ses voisins."

"Choisir selon l'importance entre ces éléments di-" "vers et trouver l'expression la plus harmonieuse pour" "communiquer l'émotion reçue, là est le problème".

Comme il l'a résolu, ce problème! Comme il a peint **Florence** et sa lumière plus ténue que celle d'Espagne, **l'Italie** où le style est partout, le village de **Contes** et **Quimperlé** où le ciel est roi, et **Douarnenez** et la vieille **Amiens** et le **Pardon de Saint Eado!** Ses portraits de **Tante Maria**, de la **petite Vannetaise**, de l'oncle **Thubé**, de l'homme de la terre, de **Charles Miguet**, du **vieux loup de mer** et de l'oblate, disent son génie d'artiste complet.

(Conclue na pagina 25)

Filosofia do Mundo

Inorgânico

Por CRÉSO TEIXEIRA

III

Dinamismo

O traço que particularmente define este sistema é a sua tendência a suprimir a matéria da constituição dos corpos. Leibniz é o seu corifeu. Reduz a substância corpórea a unidades de ordem espiritual, isto é, a "monadas". E pretende mesmo arranjar uma certa analogia entre essas monadas e a alma.

O filósofo de Hanovre começa admitindo como substâncias simples os primeiros elementos. Simples e inextensos. E, pois, indivisíveis. Nesse ponto, Leibniz se insurge contra Descartes que identificara a extensão com a essência dos corpos. E afirma categoricamente ser a extensão apenas a repetição ou a multiplicação de uma coisa.

Argumenta Leibniz. Essa multiplicação (ou extensão) é o produto de alguma coisa que se multiplicou. De alguma coisa que já existia antes do fato da multiplicação, ou, melhor, da repetição. Por outro lado, a extensão é um todo composto. E todo composto pressupõe, logicamente, componentes. Daí, concluir pela existência de elementos simples, inextensos, a que nos levará forçosamente a divisão. Esses elementos indivisíveis são as monadas.

Ademais, para Leibniz, toda a realidade sensível (e portanto a extensão) não constitui mais que uma aparência, um símbolo. Como tal, o mundo corpóreo se dissipa no mundo dos espíritos. E não podia deixar de dizer assim. Pois Leibniz, eletivamente, espiritualizou o infinitamente pequeno.

Aliás, é aqui que o dinamismo investe com individualidade definida. Contrariando os mecanistas, Leibniz acredita que todos os seres são essencialmente ativos. No entanto, o movimento implica modificações na disposição interna do corpo, na ordem de suas partes integrantes. Mas Leibniz apela para a simplicidade das monadas. E assevera não receberem estas, por essa razão, influências de fora.

Por outro lado, é na monada mesma que Leibniz vai encontrar a causa das incessantes mudanças, operadas nas propriedades corpóreas. É quando o filósofo exprime melhor o seu pensamento acerca da monada. É como uma força simples, uma substância ativa e passiva, sempre em ação.

Qual, no entanto, a natureza dessa atividade interna, contestada pelos mecanistas?

Consiste em percepções e desejos. As percepções têm por objeto o conjunto dos seres que constituem o universo, e as relações que prendem esses seres uns aos outros. O desejo é o princípio interno que faz passar a monada duma percepção a outra similar, tendendo assim a realizar, progressivamente, o fim natural do ser, isto é, a percepção clara do universo (Nys).

Vejamos agora Kant. O filósofo de Königsberg parte do princípio de que duas forças constituem a essência dos corpos. Uma é atrativa; a outra, repulsiva. Ocupando um certo lugar no espaço, a matéria o faz em virtude da força repulsiva que o torna impenetrável a todo o elemento extranho. Por sua vez, a força atra-

tiva impede tome o corpo um volume que poderíamos chamar de infinito. Enquanto vem assim conter a tendência expansiva da repulsão.

Tanto uma como a outra, se encontram desse modo, na concepção kantista, na constituição de todo o corpo. Pois que sem a energia repulsiva, o corpo ficaria "reduzido a um ponto matemático". São especificamente distintas. A força repulsiva só age sob contacto. A atrativa age também à distância. Enquanto a diversidade dos corpos teria sua origem no modo de disposição interna dessas forças contrárias. Enfim, é a estas que se reduzem as propriedades corpóreas e, mesmo, os fenômenos, por mais diversos que se nos apresentem.

Boscovich dá uma feição mais material ao dinamismo. Começa reduzindo a substância corpórea a "pontos de força". Mas, essa inovação não o afasta muito de Leibniz. Pois é de opinião serem simples ou inextensos os primeiros elementos dos corpos. E, portanto, indivisíveis.

Ainda um ponto a resolver. Esses elementos são, como em Leibniz, constituídos de forças atrativa e repulsiva. E a ação se mantém à distância, regulada por lei determinada. Pois, Boscovich crê impossível, ao menos fisicamente, o contacto imediato (interatômico).

Mas Kant apercebia uma distinção específica entre essas forças. Boscovich, não. Acha que toda a diferença se restringe à direção em que essas forças atuem. Não se trata, assim, de uma distinção quanto ao conteúdo, mas de uma diferença extrínseca. E Boscovich parece, aqui, mais coerente do que Kant.

Segundo esta concepção, essas forças, não só se combinam, como ainda recebem influência de outros corpos. E da diversidade dessas combinações e influências é que deriva a diversidade dos fenômenos.

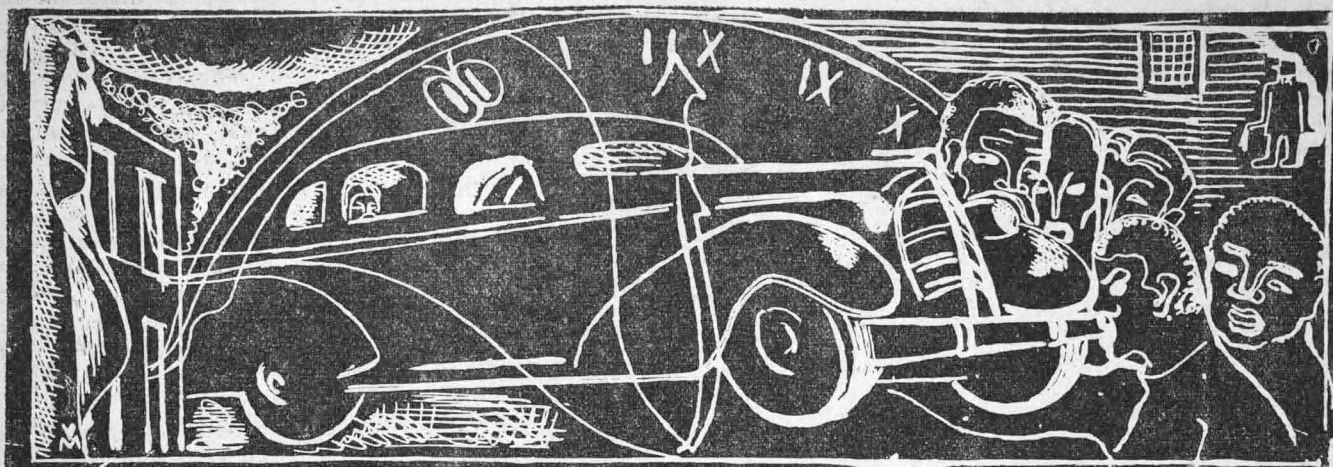
Com efeito, admitindo a homogeneidade da matéria, Boscovich só encontrou uma explicação para a diferença que existe entre os corpos. É a diferença produzida, como nos informa Nys, pelo número das forças associadas, pela disposição de seus elementos constitutivos, pelas suas relações com as energias que as circundam.

Carbonelle também trouxe a sua contribuição ao dinamismo. Procurou até adaptá-lo às exigências decorrentes das novas descobertas. E, para isso, apresentou a distinção de duas espécies de matéria. Uma, ponderável. Outra, imponderável, o éter. No mais, Carbonelle está, pode-se dizer, de acordo com Boscovich, a sua grande influência.

Hirn foi, sem dúvida, mais audacioso. Fundiu o dinamismo puro ao atomismo dinâmico. E, dessa fusão, arrancou uma doutrina com características bem definidas. Ao contrário de Leibniz e de Boscovich, Hirn crê na extensão dos átomos, que têm todos um volume invariável. Aqui Hirn pensa como um atomodinamista. Mas logo passa a falar como um dinamista puro. Pois não reconhece aos infinitamente pequenos nenhum princípio de atividade interna.

No mundo dos corpos, não há sino quatro espécies de energia — a gravidade, a luz, o calor, e a eletricidade. Todas, no entanto, têm uma existência independente exterior a essas unidades primitivas. Não são formas de matéria. Esta apenas lhe serve de ponto de apoio natural, mas não imprescindível. E isso porque Hirn fixa, si assim se pode dizer, o volume atômico.

Há um momento em que Hirn segue a Boscovich. É quando reconhece, a essas forças, a missão de manter as distâncias interatômicas. (Continua na pag. 26).



... MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS

Por Gonçalves Fernandes

NOVELA — Copyright de RENOVAÇÃO

(Continuação)

9 A inauguração solene do pavilhão sanatório teria uma curiosidade a assinalar: é que a alta administração central escolhera um tio de Osias Silva para chefiar importante departamento. E como a superintendência local estaria sob as suas ordens, deu-se o tragicômico: o "super" no discurso de abertura lançou compenetradamente pétalas de rosas e louros sobre a cabeça do "rapaz meio amalucado de quem não gostava", e isto foi feito de cara lavada e rasgou-se sêda. Antonio Dantas, quando o foram buscar para a fotografia do estilo, ficou por detraz de todos. Junto ao pavilhão colonial do hospício, João Waldemiro gritava para o cortejo que esperava o clac do magnésio na máquina: Ou vocês aderem ou a Guerra Mundial rebenta. Já ordenei que as minhas esquadrilhas irradiem para todos os municípios: companheiros dai um bom relincho! Ah! Ah! Ah! Quinhentos mil contos empreguei nos canhões de Buraquinho, e dez milhões de homens esperam minhas ordens! Oh "super", mandei fazer um chocalho de platina com badalo de ouro para ti!

E os doidos todos viram um novo casarão lindo. Havia de tudo, só faltava mesmo era comida. Comida, porque de remédio nem se fale. Mas a fanfarra municipal executou o dobrado, encerrando a cerimônia sem outras consequências.

10 A Colonia, ai meu pai! — é a voz de Agrício, está pegando fôgo, atalhe, sou elite, parente dos Rocha, dos Rocha, digo tudo isso, meu velho, mas os médicos não dão jeito. Ah! es ses filhos da mãe! Alberto vem passando agora, com suas reações positivas no liquor, um rancor perdido pela mulher, uma patente da guarda nacional, mastigando em seco. Os anos branquearam os seus cabelos, amor-

teceram seus olhos. mas quem disse que sua conversa não é a mesma? A malária provocada não conseguiu curá-lo, mas de mistura com drogas fez a doença não ir para deante. Ri de Agrícola, fala para o guarda-chefe:

— Vamos ao gamão?

(Não há outra coisa mais perto para chatear o apeirado neto dos Rocha). Seu Luis diz que sim, dispõe as pedras, bate com os dados. Agrício se exaspera, cadê os médicos que não endireitam esta meléca, é a sua fala. Esfrega as mãos no rosto, sai danado da vida. Os dados batem no taboleiro, as pedras correm no taboleiro, as horas correm como as pedras no taboleiro. O cheiro de munguzá vem da cozinha, enchendo o corredor, entrando pelos pátios. Janjão bota a cabeça de fóra do quarto, o nariz se infla todo do cheiro, bate nos peitos com os punhos fechados, desce as escadas correndo.

Alberto ri um riso demorado e amargo, cheira entre os dedos, tirando da latinha de brilhantina vazia, o torrado feito de manhãzinha num cáco de côco. Mostra a latinha de brilhantina vazia e diz: podia ser até de ouro e diamantes si Bebinho não me roubasse a aposentadoria, milhares de contos de reis, ora, milhares!...

Sai gingando para o refeitório jantar um munguzá apenas, outros doentes descem o alpendre para a sala de jantar. Agrício no seu quarto descompõe o mundo todo, chama nome ao guarda que o vai buscar para o munguzá, jura quebrar o gamão, botar fóra com pedras e tudo, como fez o mês passado com os dados. Ah! fôgo...

Dona Maria, toda geitosa, vem buscar Agrício e êle chama nome à moça, todos os nomes.

O barulho que José continua com a mesma indiferença com que batê ou abraça os guardas, ouve-se cada vez mais perto. Agora repete trechos de um discurso marxista que um político que enlouqueceu recitou hontem a tarde toda. O guarda-chefe comenta com a enfermeira: si o "comunista" passar mais duas semanas na secção, converte os doidos todos... Ri com a enfermeira das idéias dos doidos.

O munguzá já escorreu todo dos caldeirões grandes para os pratos de ágate das duas secções, das colhe-

res de alumínio para as guélas de cento e sessenta almas. O fogo amortecido entretém somente a água morna nas serpentinas. A preta gorda, dessas tão raras, cozinheira-chefe, já despiu o avental, já não traz a toalha no braço nem casquete no quengo. Enxuga a testa lustrosa na beira da manga, mexe com as cadeiras andando para casa.

As lampadas em meia voltagem limitar os pátios, as enfermarias, os dormitórios.

— Melhora zunido, passa logo danado! Providenciem agora que não há fôgo. Me deixa bute!

— Será o bandido do médico que está botando sal de cozinha em volta do meu coração, que bate (veja dona Maria) de duas em duas vezes, vêja, vêja mesmo. Uma é por causa de Lourdes e a outra por minha mãe. Será que ela já teria sido Virginia?

— Há mas é muita mágica que preciso descobrir. Os quebra-cabeças dos almanaques, todas as linguas mortas, todos os mapas de estrada de rodagem e de caminhos de ferro, viagens à vela nas ondas do mar, barricas e barricas de óleo de fígado de bacalhau.

— Imagino em que mar ficou Virginia...

Uma voz: precisa-se endireitar de vez esta colônia. Doutor Dantas dizem que vai se embora. Que falte na administração uma cabeça, mas eu quero os braços e as pernas para construir cadeiras mesmo sem encosto ou de balanço.

Outra voz: — Alberto dava mas era um diretor em cima. Isso sim. Só seu Pedro não vê isso. Mas ninguém é culpado da burrice alheia, não é, Frazão?

— Onde está Lourdes que o sal me afoga? Os loucos me cercam, os médicos com mágicas terríveis, um "habeas-corpus" que as leis me garantem não me dará o meu plasma? (que Macieira encerrou em caixas de chumbo lá na Tamarineira).

— Profeta, danou-se, você me diga quem me queima por dentro a cabeça com fôgo vindo de longo, de dentro das casas?

— O Todo Poderoso diz que não me chame profeta. Você é monstro, fala Braz.

— O profeta queda-se no varandim, levanta os braços, sobe os olhos, mexe com os lábios.

— O profeta vai falar com Deus enquanto o sal me afoga o coração. Virginia vem de longe nas nuvens. Vem depressa dizer com a bôa, que mal te escuto!

Braz, veja a vóz de Virginia, me diga depressa o que ela me fala! Oh! Braz! Ocupado com Deus nem liga a minha pessoa!

Cadê os arcanjos?

Vem Virginia que não me escutam, vem depressa que o fôgo me tosta!

Quebrei já dois canecos de alumínio, botei fóra já duas pedras de gamão, não tem jeito. O poeta Silvio bate versos a esta hora na remington da secretaria com dois fins; um é martelar o meu cérebro com o barulho mesmo das metralhadoras.

Uma vóz: ... constroi-se um casino, um palacete mobiliado, uma adega, um... ren...

— Ah! Si eu não fosse mofino. Amassava a remington como amassei o canecos! Cadê os cangaceiros dos Rocha? Doutor Osias foi falar que eu era mofino... pronto. Mas Antonio bem que me tira desta colonia com esta carta ao presidente. Intervenção divina, salvai este país!

Os enfermeiros de quarto, os doentes divididos pelos dormitórios, os crônicos ambientados resonam nos leitos, há os que não têm camas e dormem no chão, outros deitados parecem dormir de olhos abertos, miram uma cena que só existe no seu interior, muitas cenas, fatos e coisas reais e irreais, livres de condições. Aquê-le rapaz parece um fêto. Enrodilhado todo, as côxas coladas nos peitos, as pernas unidas às côxas, envoltas pelos braços colados.

O pátio do dormitório retém nos seus bancos os que acham de não dormir e voltam-se para o céu estrelado. Do outro lado gritam dois agitados nas banheiras mornas. Os gritos se espaçam, às vózes vão pouco a pouco amortecendo. Alguem lembra o lençol de couro com que o doutor Milton amarrava os doidos nas banheiras, faz tanto tempo.

Uma estrela corre no céu, riscando um traço de giz recurvado e longo que se apaga por si mesmo. Braz olha a estrela, reza baixinho. Levanta os braços para o alto, seus olhos esbugalhados ficam parados. Frazão também não dorme. Está de cocaras, brincando com os dedos riscando nos azulejos. Alberto bota a banguela de fóra, ouve Agrício falando só:

— As bussolas perdem o norte, os ventos mudam, cadê a rosa dos ventos? Só Virginia é constante em todos os paralelos.

— Esse Frazão também não é louco, diz Alberto. Ah! Quando eu sair daqui!

— Frazão murmura: não voltarei à secção de mercenaria. Não sou condenado de crimes monstruosos, não entendo da ge-ge-ge-ge-ometria, cadê que o profeta trabalha? Não é, Braz? Esse Braz parece mais é louco. Ou será mesmo que conversa com Deus. Agora eu só ouço é insultos danados de mil diabos e bi-bi-bichinhos... soprou. Si Braz for mesmo profeta é danado mesmo. Deus queira mas é que êle seja um doido ou mentiroso. Doido e mentiroso também é demais.

— Já não faltava o fôgo e ainda o diabo por cima. Agrício olha a lú: ah! só pode ser Lourdes coberta de gaze ao lado do bailarino despido, ou estatua de gesso. Ou será São Jorge montado numa burra no meio da lú vagando no espaço?

O profeta só agora baixou os braços, só agora baixou os olhos à terra. Repete: Será como diz a vóz do Senhor: e o mundo se acabará. Suas palavras caem pelo pátio como jatos interrompidos de ducha. Pela manhã morrerá o filho do homem, ao entardecer serei enterrado, e com a noite cairão as oito estrelas de cada ponto do céu. E a terra se sumirá. Os monstros estrebuchem a agonia dos pecados. Doutor Dantas é monstro. Doutor Osias é monstro, monstro esquisito, metade diabo. Todos são monstros fóra da salvação.

Braz cobre a cabeça com as mãos largas, recosta-se num banco, sobe os pés no banco, engilha-se e reduz seus dois metros de altura a um bôlo de gente.

11

O aparentado do "super", verificado melhor, chega por fim à cidade. E o alienista chamado em conselho entrevista-se com o chefe.

E' concluir o tratamento em Sanatório. Os remédios e os conselhos fizeram efeito. Falta o resto e o herói entrará nos eixos.

— Mas... sanatório daqui não! Dá o que falar todo o mundo está me perguntando todo o dia: então, como vai seu parente, está melhorzinho, doutor "super"?

A conversa amolada tem o seu epílogo, e marca-se o dia em que se há de levar o convalescente do espírito. E aí não houve o elemento pressa, mas o carro enviado é mesmo o da empresa. Novamente a limousine da superintendência da companhia se gasta na estrada, e a encomenda chega a termo sem novidade. O psiquiatra da cidade vizinha recebe o enfermo com a apresentação pessoal do colega e de nenhuma maneira se admirou com as façanhas ambulatoriais do herói. Pasmou-se depois como era o homem em são estado, no seu hábito de vida diário. E não achando perfeita a sua obra de teapeuta apelou para o confrade, fazendo restrição ao resultado obtido consigo próprio. Mas os exames de laboratório e a leitura da observação que recebeu em resposta esclareceram com os informes do passado social a situação em foco. E tudo acabou muito bem e não mais se deixou de falar na cura milagrosa ao assistente encabulado. Porque os assuntos importantes se sucederam e as folhinhas registaram um eclipse total do só, absolutamente invisível na região.

12 Naquele dia Antonio Dantas madrugou no hospício. Foi mesmo a pé mal o dia tinha raído. No caminho encontrou Afonso-chauffeur, bolieiro velho dos antigos tempos, que substituiu no volante do automovel atáxico Paulo-doidão, o derrubador de postes. Ia chegando para engraxar o carro velho e desconjuntado e esperar tempo de buscar o alienista. Admirou-se de se encontrar com êle. Pensou que alguma coisa estava acontecendo. Seria que a luta íntima sentia-se de fóra? O choque deshumano de consciências cobria o r, e numeros se baralhavam no cérebro de Dantas, numeros e ofícios, e relatórios, e o plano do serviço que não estava sendo executado, e o aumento crescente de loucos em toda a província, e a dissídia do "super", e as verbas faustozas de serviços outros que só tinham a beleza exterior de fôgos de artifício, e a miséria de seu hospício, os doidos sem roupa, sem alimento, sem remédio, sem nada. Não fôsse a plantação de abacaxi, de milho, de feijão, as verduras, que seria daquelas cento e sessenta almas famintas? vivendo num plano irreal, apegadas ao pobre corpo miserável, mostrando os ossos, tomadas de pelagra, outros de pernas bambas no polinevrite. Avitaminose. Avitaminose. DESNUTRIÇÃO. DESNUTRIÇÃO, as palavras e os relatórios, pareciam ditadas por maniacos excitados e varavam Dantas, torturando-lhe. Lêra no caminho o jornalzinho da empresa. Trazia um retrato de seu Pedro inaugurando a "gôta de leite". Quem dava o leite, na fotografia, era a mulher de Patriota, o que fugiu com a mulher do português da loteria. Entregava a uma criança um vidrinho de leite, infeliz e sorridente. O "super" radiante, tinha cara de quem diz: vejam todos como Eu sou humanitário! Dou leite aos pobres. Como se a dádiva saísse da algibeira ou estivesse fazendo favôr em socorrer o pôvo. Mas como tudo, aquilo queimava depressa e logo o painel seria substituído por outro. E então quem quizesse dar leite a filho pobre que se aguentasse. Cadê que saía a verba do hospício? Cadê que se saciavam as cento e

sessenta almas morrendo sem razão. Sem razão, que ironia estúpida!

Dona Adail estava ainda no sanatório dos agudos quando êle transpoz o portão. Foi direito ao refeitório e surpreendeu mais uma vez que as rações se diluíam. Osias também não aguentava mais e já dizia pelo clube que a fome estava comendo os doidos todos. Dantas viu o café ralo nas canecas de alumínio, o pão sem manteiga já diminuído pela metade. Doidos havia que nem tocavam naquilo como de desprezo pela miséria. O administrador não teve coragem de encarar o doutor Dantas. Disse mesmo com os olhos fitos no chão: é uma miséria seu doutor! Da mesa do refeitório em pedaço de pão voou pelos ares e foi ficando pequeno até desaparecer no pátio.

Nas enfermarias os leitos guardavam os agonisantes. Dantas andava de cama em cama. Braz fala ainda, mas não chegará de tarde. Os olhos estão fitos no céu, e diz uma prece em tom de quem conversa com Deus. Fala:

— Chegou o dia anunciado. De tarde morrerei como na profecia. Depois de cada recanto do céu caíam as estrelas, até a oitava. E os monstros entrarão na agonia. Todos são monstros. Doutor Osias é monstro esquisito. Doutor Dantas é o monstro assistente. Todos são monstros. Deus me recebe, recebe Braz teu filho dileto, que padeceu dos homens e não caiu em tentação! Não caiu em tentação...

Dantas ouve Braz morrendo, dois metros de ossos só a que está reduzido o gigante estendido no leito, como um protesto humano que morre sem ser escutado, envolto nas trevas, louco.

(Continua no próximo número)

(*) — Vê-se RENOVAÇÃO de março e abril últimos.

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Silvino Lyra

(Continuação)

organizada da classe, isto é, como pessoa jurídica de direito positivo, tenha obrigações para com aqueles que buscam a sua sombra (1).

Encarando-o sob o ponto de vista natural, ou seja, como um fato necessário quando expressão das coletividades profissionais, as quais decorrem da divisão do trabalho, vimos a sua necessidade de integração no Estado e a sua missão de preparar o homem às contendas da vida, formando-lhe a mentalidade, atuando, por assim dizer, num plano mediato.

Vejamos, por conseguinte, a sua proteção às coletividades laboriosas, e como deve ser ela exercida, e bem assim, a sua grande contribuição para o resolver de problemas inúmeros, que, por si só, o Estado seria impotente para solucionar satisfatoriamente.

Portanto, sob o ponto de vista de atividade prática, ou melhor, como organismo técnico, o Sindicato deve obrigar-se, inicialmente, a prestar assistência social e econômica, as quais, estudaremos em capítulo seguinte.

(1) — Ressaltamos que como profissão êle é institucional, um fato necessário — como pessoa jurídica de direito positivo, é contingente e data do Industrialismo.

UM PRÍNCIPE MUSICISTA

Por Vicenie Fittipaldi

(Conclusão)

Canta, também. Acompanhado pela real consorte, vocaliza as modinha mais em vóga, que, como hoje os sambas e os fox, invadiam até os salões do Paço.

É compositor. Missas, Te-Deums, Sinfonias, Hinos, todos os gêneros, enfim, a real inspiração aborda. E tudo recebia o batismo do público em audições memoráveis. O "Jornal do Comercio" de 9 de Dezembro de 1829, assim registra uma dessas audições:

"Sabado, 5 do corrente, S. M. o Imperador fez celebrar na sua Imperial Capela uma solene ação de graças pelo seu consorcio. Pelas 10½ da manhã êle aparece na tribuna acompanhado de SS. MM. a Imperatriz e a Rainha de Portugal, e de S. A. R. o Príncipe Duque de Santa Cruz. Deu-se logo principio à Missa Pontifical, em que officiou Monsenhor Bispo Eleito de Pernambuco, sendo toda a música tanto a da Missa como o Te-Deum, que no fim se cantou, da composição de S. Magestade o Imperador".

Foi talvez, depois de uma dessas solenidades, que se deu o episódio que Cernicchiaro nos conta, na sua "Storia della Musica nel Brasile", e que revela a que ponto ía o amor de D. Pedro, à musica e aos músicos. Tendo notado, o Principe, que os cantores e os musicistas da Capela estavam roucos e resfriados, atribuiu o fato à humidade do porão do Paço, em que se hospedavam os artistas. Fez vir à sua presença o Mordomo: "Seria conveniente — disse-lhe — mudar os músicos do porão e, no seu lugar, botar os dignitários da côrte".

"Permita Vossa Magestade, lhe diga — contestou atarantado o Mordomo — que os dignitários da côrte são fidalgos da mais alta linhagem: marqueses, barões, condes..."

"Não importa — atalhou o Imperador — com uma penada eu faço um barão, um conde, mas não faço um músico, um cantor".

Muitos dos democráticos homens públicos da nossa democratica Republica, talvez nos respondessem assim...

Mas, depois, D. Política e D. Domitila enleiraram o Imperador nas suas teias enganadoras. E a música foi esquecida. Tudo o que o Imperador havia escrito, foi perdido. E, da sua atividade artistica, da atmosfera musical que se respira em seu lar, fica-nos, apenas, esse bonito e singelo Hino da Independência, e o trecho da tocante carta em que D. Amelia de Leuchtenberg, entregando o seu enteado, o futuro 2.º Imperador do Brasil, na hora amarga do exílio, às mães brasileiras, lhes dizia: "... Acalentae-o com as suaves tôadas das vossas maviosas modinhas"...

CORRIGENDA:

Página 11, linha 44, leia-se: — contemporaneos.
 Página 11, linha 49, leia-se: — l'exécution.
 Página 11, linha 51, leia-se: — o jovem principe começou.

O DRAMA DOS SAM- PAULEIROS

DALMO BELFORT DE MATTOS

(Conclusão)

Não se compreenderia um aliciador que dispendesse quantias para arrebanhar colonos e depois, os deixasse à mingua, improdutivo, a milhares de quilômetros de distância.

Seria desejável, também, a criação de um serviço médico fiscalizador (federal) para só fornecer transporte aos fisicamente habilitados ao trabalho. Para evitar o acúmulo de incapazes, que serão, forçosamente, inaproveitados.

Resolvido, assim, o caso habitual, seria útil se houvessem estradas e ferrovias que permitissem o escoamento rápido dos flagelados. O prolongamento da Estrada de Ferro do São Francisco que, há meio século, se encontra detido a caminho do grande Rio seria uma das medidas mais aproveitáveis.

Visto trazer, concomitantemente, o desenvolvimento agrícola da "zona da Chapada", e uma possibilidade de aproveitamento local do trabalhador migrante.

Mas, para essa tarefa fixadora ao solo, convém não esquecer a lição de Evaristo Leitão, Romulo V. Cavina e João Santos Palmeira, no "Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio", Junho de 1937:

"A fixação de nosso homem rural depende de uma série de fatores importantes. Dêles mencionaremos a salubridade, o amparo educacional, transportes e mercados, o progresso das propriedades agrícolas e a policultura intensiva".

Evitar-se-ia, assim, o drama periódico dos "sampauleiros". Drama que alguns literatos nortistas, como D. Martins de Oliveira aproveitam para lançar o Norte contra o Sul. E que fornece ótimo campo para os agitadores vermelhos, mercê da proletarização do trabalhador agrícola.

ARTIGOS
 PARA
 HOMENS
 COMPREM
 NA
 CAMISARIA
 ESPECIAL



Construa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE
SA

BANCO NACIONAL
ULTRAMARINO

Todas as
operações bancarias

“YPIRANGA”

Tintas - Esmaltes - Vernizes - Composições

DISTRIBUIDORES

Albino Silva & Cia. Ltda.

Avenida Marquês de Olinda, 191

RECIFE

Fone 9272

Caixa Postal 168

ARMAZEM DO CABÔCLO

Casa fundada em 1841

IMPORTADORES, EXPORTADORES E RETALHISTAS
DE FERRAGENS

Cutelarias, artigos para agricultura, indústria e uso doméstico. Armas de caça, tintas, oleos, pincéis, vernizes etc. O maior deposito de ferro, cobre, latão, chumbo e outros metais

ALVARES DE CARVALHO & CIA. LTD.

RUA DUQUE DE CAXIAS, 340, 350

Caixa Postal 165

Fone, 6225

RECIFE — PERNAMBUCO

PADARIA AUTOMATICA

ACREDITADO ESTABELECIMENTO

Eduardo Lima & Cia.

Rua das Florentinas, 199

FONE 6328

RECIFE

PERNAMBUCO

SABA

A melhor agua mineral do Brasil

Gasosas de Sabá

feitas de Limão, Laranjas, Abacaxi e

Maçã, preparadas na própria Fonte de SABÁ

Propriedade da **Empresa Agua de Sabá Ltda.**

Deposito e Escritório: **Rua do Imperador, 263 - Telefone 6395**

RECIFE

PERNAMBUCO

DÉSIRÉ-LUCAS

(Conclusão)

Ses intérieurs: femme à l'âtre, le benedicite le conte de grand'mère, la fileuse au rouet, l'âtre, l'intérieur de pêcheurs, attestent son choix du motif, sa science profonde du clair-obscur, égale à celle qu'il a de l'espace.

Sa reconnaissance et sa vénération vont à Quost: divinité parmi les faux-dieux, guide spirituel vers les cimes, évangile d'art et de beauté "la présentation à la lumière est l'auscultation d'un motif... Interrogez la" "nature et ne répondez pas pour elle... Si vous voulez" "être coloriste, ne cherchez pas la couleur..." Quels apothegmes, quelle vérité!

... Cette vérité, c'est la sienne. Entendez là, impuissants et snobs: ce n'est pas en omettant qu'on fait simple, mais en retranchant. Une synthèse n'est pas une suppression. Dans le bric-à-brac de l'art moderne Désiré Lucas est resté soi, narguant les modes, sachant "qu'il vaut mieux n'être rien que le souvenir d'un autre" O Corot!

— "J'achève le carnet du bel artiste: la grande simplicité émouvante qui préside à son oeuvre, étreint sa plume, livre sans afféteries son coeur d'homme:

— 28 javier 1938... Marguerite gravement malade... une grande angoisse pèse sur nous...

FORTUNIO

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

PERFUMARIA

O R I E N T A L

E. F. de Sá

Rua Nova 233

ERCIFE

Ceramica S. João da Varzea

— DE —

R. L. de Almeida Brennand & Irmãos

A maior fabrica existente no Norte do País -- Unicos fabricantes de "Telhas Francesas" resistentes e uniformes em côr e feitio "Tijolos refractarios" em todos os tipos e feitio, para Usinas de assucar, fornos de fundição, Gazogenios, Caldeiras, etc. mediante plantas ou moldes.

"Tijolos furados" -- Os mais leves e resistentes possiveis.

Os seus produtos são garantidos em 20 anos de venda, neste Estado e Estados limítrofes.

ESCRITÓRIO:

RUA DO APOLO, 234 - 1.º andar

TELEFONE, 9344

CAIXA POSTAL, 231

Recife - Pernambuco

TIGRE & CIA.

Fabrica e escritório: Av. CRUZ CABUGÁ, 211

CAIXA DO CORREIO 261 — End. Teleg. "TIGRE"

Fabrica de Moveis Asépticos, Fabrica de Sabão TIGRE,
Fabrica de Cofres e Fogões, Placas Esmaltadas

Arquivos de Aço, Prensas de Copiar, Carros de mão,
Portas de Aço, ondulado, Serralharia, Moveis de Ferro,
Cobertas e Estruturas Metálicas, Pinturas e Concertos de
Cofres, Fundição de Ferro, Bronze e outros metais,
Oficina Mecânica, Galvanização em Niquel, Crômo,
Cobalto, Tungsteno e Cádmió

BALAS "INFANTIL"

proprias para mastigar. Ajudam o crescimento das
crianças e dão encorajamento aos homens, acima
de 50 anos de idade.

...As balas INFANTIL são fabricadas à base de
castanhas e outros ingredientes de valor nutritivo.

Produto da fabrica BEIJA-FLÔR, de

RENDA, PRIORI & CIA.

TELEFONE 6025

RECIFE

PERNAMBUCO

HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA
SERVIÇOS MARITIMOS

End. Teleg. HORACIO

CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

A CONFIANÇA

Fábrica de Biscoitos e
Massas Alimenticias

GOMES & CIA.

Fabricantes das insuperaveis bolachas "SEM IGUAL e
"GAROTA"

RUA DA IMPERATRIZ, 163 — RECIFE

FILOSOFIA DO MUNDO INORGÂNICO

Crésó Teixeira

(Conclusão)

Vejamos, concluindo, o sistema de Palmiéri. É, não há duvidar, um dinamista. Mas um dinamista moderado. Pois, admite, efetivamente, a existência isolada de forças simples e indivisíveis. Mas não prossegue pensando sempre como um dinamista autêntico. Crê na unidade dos compostos. Procura justificar a sua concepção. E é na persistência atual dos componentes que vai encontrar uma base para firmar-se.

Sem perder a individualidade respectiva, dois seres podem constituir uma unidade. Isso se consegue por meio de uma união íntima entre seus princípios fundamentais de atividade, de modo a ações novas brotarem dessa união, como duma causa verdadeiramente una (Nys).

A força é a essência mesma desse sistema. Mas, aqui, a força tem outros qualificativos. É restritiva, ou de resistência. E é justamente esta última que vai determinar, precisar o volume atômico, na extensão espacial. Pois é essa força que "resiste" à penetração de elementos estranhos, na esfera de ação dessas unidades primitivas.

Aliás, Palmiéri admite, nos elementos primordiais, uma extensão. Não uma extensão real, mas virtual. Como Leibniz, e contrariamente a Kant (atrativa), Palmiéri regeita a ação à distância. E assevera serem os fenômenos modalidades apenas de movimento, resultantes dessas duas energias que integram os elementos primeiros dos corpos.

BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegrafico: CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones: GERÊNCIA: 9024-9058 — GERAL: 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as
melhores taxas do mercado. Aceita depositos em:

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS
CORRENTES LIMITADAS

Depositos Populares:

(C/Especial Econômica, juros de 6% limite 5:000\$000)

Depositos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço
eficiente de administração de bens;
Cobrança de alugueis, Juros de Apólices etc.

Ordena pagamentos por via telegrafica, via aerea ou marítima. Emite cheques sobre todas as praças do País

PROGRESSÃO DO MOVIMENTO DO BANCO:

31/12/36 11.146:934\$338	31/12/37 17.817:063\$479	31/12/38 23.631:408\$892	31/12/39 34.425:958\$307
-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------

Lopes Araujo & Cia.

Estivas em grosso

Comissões

e

Consignação

End. Teleg. **Chechéo**

Rua do Livramento, 110

RECIFE

PERNAMBUCO

PLACIDO FARIA & CIA.

Grandes armazens de ferragens e cutelarias em grosso e a retalho

Especialistas em todos os ramos do seu comercio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

RUA DUQUE DE CAXIAS Ns. 276 a 280

Depositos : RUA DR. FEITOSA Ns. 153, 243 e 257

End. Teleg. : "PLACIDO"—Codigos : ABC, 5.ª ed. e Ribeiro

— TELEFONE N.º 6212 —

RECIFE — PERNAMBUCO

PADARIA CRISTAL

Rua do Aragão, 107

O melhor pão do Recife

Fone : 2718

Augusto Gomes

RECIFE

CAROA

Instalações, completas ou isoladamente, de maquinas para desfibrar, caldeiras, locomoveis, motores a gaz pobre ou a oleo, transmissões e mancais, tudo em otimas condições. Procurem adquirir na firma:

Oliveira Filho & Cia.

Largo do Paraíso, 306

RECIFE

Manoel Almeida & Cia. Ltd.

Armazem de Ferragens

Rua do Imperador, 354 e

Rua Diario de Pernambuco, 101

Fone 6391

RECIFE

Sociedade Anonima Magalhães

Comissões, Consignações e conta própria

FONE 9553 — Teleg. RECIDOURO

RUA DO APOLO Ns. 53 a 59 — RECIFE

COMPANHIA DE SEGUROS DA BAHIA

Depositarios dos afamados oleos para industrias GARCOYLE

Lubrificantes Mobiloils e Mobilgreases da Laccury Vaccum Oil Comp. Inc. New York

Agencia de Navegação

Companhia Comercio e Navegação Transporte e Sal de Macau

Tecidos da Companhia Agricola Magalhães — Rio

Depositarios e Distribuidores de Arados — Tratores — Maquinas Agricolas da afamada INTERNATIONAL HAR WEST Co.-U. S. A.

MECANISE SUA LAVOURA



SÃO JOÃO E MARIA MADALENA. — Pintura de autor desconhecido,
da Escola de Siena (XIV^o. século). — Fragmento de um Calvário.
(Da coleção de P. L. de New York)

Compra Tadeu Rocha
30/8/79